

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE
(PROFLETRAS)
UNIDADE DE ITABAIANA

FONO(ALVO): A NASALIDADE EM JOGO

Itabaiana–SE

2021

WIRNA MARIA MATOS SANTOS COSTA

FONO(ALVO): A NASALIDADE EM JOGO

Dissertação para Exame de defesa apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS) – Unidade de Itabaiana – da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito necessário para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Denson André Pereira da Silva Sobral.

Área de concentração: Linguagens e Letramento.

Linha de pesquisa: Teoria da Linguagem e Ensino.

Itabaiana–SE

2021

WIRNA MARIA MATOS SANTOS COSTA

FONO(ALVO): A NASALIDADE EM JOGO

Aprovada em: ____/____/____.

Dissertação para Exame de defesa apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS) – Unidade de Itabaiana – da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito necessário para a obtenção do título de Mestra em Letras, apresentada à seguinte Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Denson André Pereira da Silva Sobral (UFS)
Presidente

Profa. Dra. Denise Porto Cardoso (UFS)
Avaliadora externa

Rafael Bezerra de Lima (UFRPE)
Avaliador externo

Itabaiana-SE
2021

Agradecimentos

Devido às lutas e preocupações que enfrentei durante este Mestrado, principalmente o vírus da Covid-19, que quase ceifou minha vida, pensei em alguns momentos que não conseguiria terminar. No entanto, em um dos momentos que pensei em desistir, fui sustentada pela minha fé e acreditei que "tudo na vida tem um propósito". Por isso, agradeço sinceramente ao meu Deus por me ajudar a estar aqui, passar por alguns espinhos, mas, colher os frutos da vitória que obtive.

Agradeço também ao meu esposo e amigo de todas as horas, que na maioria das vezes me fez enxergar que já tinha ido longe demais para desistir, trazendo-me o sorriso de volta quando, muitas vezes, sentia uma vontade imensa de chorar. Muito obrigada!

Aos amores da minha vida, Lorena, João Paulo e Antônio Guilherme (meu cromossomo 21), todo meu esforço e dedicação em tudo que faço são para ensinar-lhes que podemos e devemos correr atrás dos nossos sonhos e desejos. Mesmo que os obstáculos apareçam, não podemos desistir se esse for o nosso objetivo, pois, seguramente, sairemos vencedores.

Agradeço aos meus familiares, meu pai e minha mãe, irmãos e amigos mais próximos que tanto me incentivaram a seguir buscando meus objetivos. Também aos meus colegas do Colégio Estadual professora Glorita Portugal, especialmente a professora Edilma, pela compreensão, incentivo e puxões de orelhas. Aos meus alunos de lá, que foram essenciais na pesquisa, pois, me provocaram a ser cada dia uma profissional melhor.

Com o coração agradecido, levarei comigo as orientações dos professores do PROFLETRAS, Christina Ramalho, Carlos Gomes, Ricardo e Derly. Gratidão pela dedicação, inteligência e maestria com que trabalham. Também aos colegas de classe, em especial Ademária e Ederlaine, que tanto me ajudaram com sugestões de textos e ideias. Não posso esquecer também do nosso querido colega Everton, que nos acompanhou nas viagens até o polo de Itabaiana nos oferecendo o seu transporte e a sua playlist, que deixará saudades. Muito obrigada, vocês todos estarão sempre em minhas orações.

Aos meus colegas de profissão das escolas Estaduais, pelas quais passei, Escola Estadual Antônio Calixto de Figueredo Cruz (povoado Serrão-Ilha das Flores) e Colégio Estadual Emiliano Guimarães (Malhada dos Bois), bem como a todos da Escola Municipal Santa Maria (povoado Cruz da Donzela-Malhada dos Bois) e seus respectivos alunos, que

tanto contribuíram para minha experiência, enquanto profissional da educação. Minha eterna gratidão.

À minha madrinha, Maria das Graças, *in memoriam*, que tanto amei e ainda amo. Ela que me deu forças em vários momentos tristes e alegres da minha vida, além de me direcionar e ser referência de professora para mim.

Finalmente, agradeço a meu querido orientador, prof. Dr. Denson André Pereira Sobral, pela paciência e carinho com que me encaminhou no campo acadêmico. Com o coração cheio de alegria e gratidão espero que, de agora em diante, eu possa seguir seu exemplo e consiga ser tão prestativa e eficiente quanto fostes comigo e meus alunos.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas, pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

(Artur Schopenhauer)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o processo fonológico da nasalização na escrita dos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental de um Colégio Estadual do município de São Cristóvão/SE. Segundo Mattoso Câmara (1992), o processo de nasalização é o resultado do encontro de uma vogal com uma consoante nasal. Esse encontro pode ser marcado por uma ação distintiva, que resulta em mudança de significado e chamamos de fonológica e, sem distinção de significado, que chamamos de fonética. Esta apresenta apenas alteração no fone, ou seja, apresenta variação linguística como, por exemplo, /banana/ ou /bããna/. Já em minto e mito [miNto] e [mito], a mudança no fonema alterou o significado da palavra. Neste estudo, buscaremos averiguar os contextos linguísticos e extralinguísticos em relação ao apagamento, a inserção ou a troca do arquifonema nasal, resultantes de uma possível interferência da fala na escrita provocando, assim, desvios. O interesse pelo tema surgiu a partir da observação empírica da pesquisadora no que tange aos erros ortográficos cometidos na escrita dos(as) alunos(as), descritos posteriormente como decorrentes da nasalização presentes na fala deles. A pesquisa justifica-se, portanto, pela necessária intervenção pedagógica na escrita dos alunos, com o fito de reduzir o apagamento, a inserção ou a transformação da nasalidade na escrita. Destarte, trabalhar a nasalidade fonológica apresentada nos textos escritos de estudantes do Ensino Fundamental implica na melhoria do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. O trabalho está embasado metodologicamente no pressuposto da Pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986), fazendo uma abordagem quantitativa e qualitativa. Como aporte teórico, recorreu-se aos estudos: de Mattoso Câmara Jr. (1986, 1992), nos quais o autor discute a diferença entre nasalidade e nasalização em Língua Portuguesa; de Cristóvão Silva (2003); Hora (2009); Callou e Leite (2009); Bisol (2011); Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011), que abordam os processos fonológicos na fala; de Bortoni-Ricardo (2005), que trata a interferência da fala na escrita; de Roiphe (2020), que reflete sobre os jogos tradicionais em sala de aula; bem como Carlos Alberto Faraco (2008) a respeito da norma padrão. Para ajudar os(as) alunos(as) a refletirem sobre os erros detectados em suas produções escritas, foi elaborado um Jogo Pedagógico intitulado “Fonoalvo”. Almeja-se com a pesquisa em tela e o jogo pedagógico reduzir o fenômeno da nasalização na escrita dos(as) estudantes, colaborar com os(as) demais professores(as) e gestores(as) educacionais na melhoria da escrita dos(as) alunos(as) do Ensino Fundamental, além de contribuir com os estudos na área da fonologia.

PALAVRAS-CHAVE: Fala. Escrita. Processo Fonológico. Nasalidade.

ABSTRACT

This research has as general objective to analyze the phonological process of nasalization in the writing of students of the sixth year of Elementary School of a State College in the city of São Cristóvão/SE. According to Mattoso Câmara (1992), the nasalization process is the result of the encounter of a vowel with a nasal consonant. This encounter can be marked by a distinctive action, which results in a change of meaning and we call it phonological and, without distinction of meaning, we call it phonetics. This only presents changes in the phone, that is, it presents linguistic variation such as /banana/ or /bãñãna/. In “minto” and “mito” [miNto] and [mito], the change in phoneme changed the meaning of the word. In this study, we will seek to investigate the linguistic and extralinguistic contexts in relation to the erasure, insertion or exchange of the nasal archiphoneme, resulting from a possible interference of speech in writing, thus causing deviations. Interest in the topic emerged from the researcher's empirical observation regarding spelling errors made in the students' writing, which were later described as resulting from the nasalization present in their speech. The research is justified, therefore, by the necessary pedagogical intervention in students' writing, with the aim of reducing the erasure, insertion or transformation of nasality in writing. Thus, working on the phonological nasality presented in the written texts of elementary school students implies the improvement of teaching-learning of the Portuguese language. The work is methodologically based on the assumption of Action Research (THIOLLENT, 1986), making a quantitative and qualitative approach. As a theoretical contribution, we resorted to studies: by Mattoso Câmara Jr. (1986, 1992), in which the author discusses the difference between nasality and nasalization in Portuguese; by Cristóvão Silva (2003); Hour (2009); Callou and Leite (2009); Bisol (2011); Seara, Nunes and Lazzarotto-Volcão (2011), who address the phonological processes in speech; by Bortoni-Ricardo (2005), which deals with the interference of speech in writing; Roiphe (2020), who reflects on traditional classroom games; as well as Carlos Alberto Faraco (2008) regarding the standard norm. To help students reflect on the errors detected in their written productions, a Pedagogical Game entitled “Fonoalvo” was created. The aim of the on-screen research and the pedagogical game is to reduce the phenomenon of nasalization in students' writing, to collaborate with other teachers and educational managers in improving the writing of students Elementary School students, in addition to contributing to studies in the field of phonology.

Keywords: Speech. Writing. Phonological Process. Nasalization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. O vocábulo “canta” a partir de uma visão Monofonêmica.....	20
Figura 2. Movimentos articulatórios das vogais orais e nasais.....	21
Figura 3. Configuração articulatória da nasal alveolar sonora [n].....	22
Figura 4. Localização de São Cristóvão-SE.....	38
Figura 5. Entrada do colégio.....	40
Figura 6. Resposta de aluno – Atividade “Ditado Imagético”.....	47
Figura 7. Capa do livro “O diário de Pilar”.....	48
Figura 8. Sugestão para criação do jogo “Fonoalvo”.....	59
Figura 9. Sugestão de criação do jogo FONOALVO.....	60
Figura 10. Sugestão de criação do jogo FONOALVO.....	61
Figura 11. Imagens das palavras referentes à atividade.....	65
Figura 12. Imagem das cartas do jogo: palavras com apagamento do elemento nasal..	68
Figura 13. Imagem das cartas do jogo: palavras com apagamento do elemento nasal..	68
Figura 14. Imagem das cartas do jogo: palavras com apagamento do elemento nasal..	69
Figura 15. Imagem das cartas do jogo: palavras com troca do elemento nasal.....	69
Figura 16. Imagem das cartas do jogo: palavras com troca do elemento nasal.....	70
Figura 17. Imagem das cartas do jogo: palavras com troca do elemento nasal.....	70
Figura 18. Imagem das cartas do jogo: palavras que apresentam inserção do elemento nasal.....	71
Figura 19. Imagem das cartas do jogo: palavras que apresentam inserção do elemento nasal.....	71
Figura 20. Imagem das cartas do jogo: palavras que apresentam inserção do elemento nasal.....	72
Figura 21. Imagem das cartas do jogo: palavras que apresentam inserção do elemento nasal.....	72

Figura 22. Imagem da ficha 1.....	75
Figura 23. Imagem da ficha 1.....	75
Figura 24. Imagem da ficha 1.....	76
Figura 25. Imagem da ficha 1.....	76
Figura 26. Imagem da ficha 1.....	77
Figura 27. Imagens das palavras selecionadas para a atividade.....	79
Figura 28. Imagens das palavras selecionadas para a atividade.....	80
Figura 29. Imagens das palavras selecionadas para a atividade.....	80
Figura 30. Imagens das palavras selecionadas para a atividade.....	81
Figura 31. Imagens das palavras selecionadas para a atividade.....	81
Figura 32. Imagens das palavras selecionadas para a atividade.....	82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Comparativo da média nacional e da escola.....	39
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Exemplos do apagamento do traço nasal.....	27
Quadro 2. Exemplos de troca do traço nasal.....	28
Quadro 3. Exemplos de inserção do traço nasal.....	28
Quadro 4. Dicotomias perigosas.....	30
Quadro 5. IDEB do colégio.....	38
Quadro 6. IDEB Anos Finais.....	39
Quadro 7. Dados sobre os alunos do 6º A participantes.....	41
Quadro 8. Dados sobre os alunos do 6º B participantes.....	41
Quadro 9. Atividade Diagnóstica 1 – Ditado Imagético.....	42
Quadro 10. Palavras selecionadas para o estudo do processo fonológico da nasalização nos textos escritos dos estudantes.....	50
Quadro 11. Amostra de palavras com apagamento do elemento nasal, de acordo com o ditado imagético.....	51
Quadro 12. Amostra de palavras com troca do elemento nasal, de acordo com o ditado imagético.....	51
Quadro 13. Amostra de palavras com inserção do elemento nasal, de acordo com o ditado imagético.....	52
Quadro 14. Presença da nasalização nos textos escritos dos alunos dos 6º “A” e “B”.....	52
Quadro 15. Apagamento do arquifonema nasal.....	53
Quadro 16. Troca do fonema nasal.....	54
Quadro 17. Inserção do fonema nasal.....	55
Quadro 18. Outras Ocorrências.....	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 SEÇÃO I – A NASALIZAÇÃO NOS TEXTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA.....	19
1.1 Breves considerações sobre nasalidade e nasalização.....	19
1.2 Processos fonológicos.....	25
1.2.1 Dialogando com outros trabalhos dentro do âmbito da formação de professores sobre a nasalidade.....	29
1.3 A interferência da fala na escrita.....	30
2 SEÇÃO II – PERCURSO METODOLÓGICO.....	36
2.1 O início.....	36
2.2 A pesquisa.....	36
2.3 Contexto da pesquisa.....	37
2.4 Sujeitos da pesquisa.....	40
2.5 Procedimentos e Coleta de Dados.....	42
2.6 <i>Corpus</i> da pesquisa e análise dos dados coletados.....	50
3 PRODUTO EDUCACIONAL: FONO(ALVO).....	57
3.1 Apresentação.....	57
3.2 Estrutura Física do jogo.....	58
3.3 Objetivo.....	61
4 ATIVIDADE 1: DESVENDANDO SONS.....	63
4.1 Objetivo do jogo.....	63
4.2 Materiais e tempo necessários nesta etapa do jogo.....	63
4.3 Procedimentos.....	63
5 ATIVIDADE 2: JOGO DA MEMÓRIA.....	66
5.1 Objetivo do jogo.....	66

5.2 Materiais e tempo necessários nesta etapa do jogo.....	66
5.3 Procedimentos.....	67
6 ATIVIDADE 3: QUAL É A REGRA?.....	73
6.1 Objetivo do jogo.....	73
6.2 Materiais e tempo necessários nesta etapa do jogo.....	73
6.3 Procedimentos.....	74
7 TESTE FINAL – DITADO IMAGÉTICO.....	78
7.1 Objetivo do jogo.....	78
7.2 Materiais e tempo necessários nesta etapa do jogo.....	78
7.3 Procedimentos.....	79
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	85
ANEXO.....	87

1 INTRODUÇÃO

Este estudo pretende reduzir o processo fonológico da nasalização na escrita dos estudantes, tendo como enfoque o apagamento, a inserção ou a transformação do arquifonema nasal nos textos escritos dos alunos do Ensino Fundamental de um Colégio Estadual do município de São Cristóvão-SE. O interesse por esse tema surgiu da observação empírica da pesquisadora diante dos erros ortográficos nas atividades escritas dos discentes, dentre os quais o processo fonético/fonológico da nasalização se destacava. Percebeu-se que os aprendizes sentiam muita dificuldade ao escrever determinadas palavras, em que se destacava ou não a presença da nasalidade, a exemplo de “ingreja”, “muinto”, “cunzinha”, cujos erros de escrita são recorrentes. A partir desse ponto, decidimos entender por que eles transferem a nasalização, presente na fala, para a escrita.

A nasalidade é uma das principais características fonética e fonológica que distinguem a Língua portuguesa das outras línguas românicas, sendo considerada por muitos estudiosos o traço mais característico do português. Isso, porque na medida em que avançava a passagem do latim vulgar para o romance os traços inovadores iam se perpetuar até tornar-se marcante dentre as demais, como apresentam Gonçalves e Basso (2010). Em consonância com os autores citados, são três as principais mudanças que afetaram a transição do latim vulgar para o romance, a saber: os grupos *cl*, *pl* e *fl* passaram a *ch* pelo processo de palatização do *l*; o *-l-* intervocálico caiu, aparecendo uma série de hiatos que só se resolveu mais adiante; e, finalmente, a queda do “*n*”, também intervocálico, trazendo consequências mais para o galego-português falar mais próximo do português, resultante do processo de nasalização da vogal anterior ao “*n*”, como vê-se no exemplo *luna>lûna>lûa*.

Ademais, a produção das vogais nasais surgiu da queda de consoantes nasais que se seguiam, grafado inicialmente com um til [~], que era utilizado como “*n*” acima da vogal como traço diacrítico. No entanto, as consoantes nasais não caíram na ortografia, dessa forma, a influência do “*n*” inicial deu lugar a um “*m*” final, se tornando consoante final em todos os casos.

Um dos estudiosos da língua que afirma a nasalidade como o traço mais característico do português é o estruturalista Mattoso Câmara (1992). Este aponta, que dentre as línguas românicas, a Língua Portuguesa e o Francês são as que apresentam uma vogal nasalizada pela presença de uma consoante nasal, diferente das demais, que ocorrem levemente pela presença de uma consoante nasal na sílaba seguinte. Assim, houve impreterivelmente uma nasalização pela junção de vogal+consoante nasal, a exemplo de *contato*, *campo* e *bom*.

A nasalidade pode ser percebida tanto nas vogais quanto nas consoantes. Em ambos os segmentos, articulatoriamente, ocorre o abaixamento do véu palatino na produção do som, o que provoca a saída do ar vindo dos pulmões tanto pela cavidade oral quanto pela nasal, o que causa ressonância nesta região. Em português, é possível distinguir dois fenômenos diferentes a respeito do traço da nasalidade, quais sejam: a nasalidade e a nasalização. Câmara Jr. (1992) denomina esses processos por nasalidade fonética e nasalização fonológica. A primeira diz respeito ao processo articulatorio ou não da vogal oral e demonstra variação dialetal apenas, como em “cama” [kãmə/kamə]. Nesse caso, a nasalidade não distingue palavras no português, mas, apenas na variação linguística de nossa língua. A nasalização fonológica, por sua vez, é a ocorrência da vogal nasal obrigatória, como em “canto” [kãto]. Esse processo causa, consoante SILVA (2003), diferença de significado como em pares como /lá/, /lã/ e /mito/, /minto/.

Percebemos, por meio da escrita dos/as alunos/as do 6º ano do Ensino Fundamental, grande dificuldade em marcar a nasalidade. Isso porque, em geral, ela é representada pelas consoantes “m” e “n” pós-vocálicas ou pelo uso de til nas vogais, além de poder aparecer nos chamados ditongos nasais, como ocorre em “mãe” e “mamão”. Ela também pode ocorrer em sílabas finais de algumas formas verbais, a saber: “vieram”, “fazem”, “foram”, “vão”, “estão” e “escreverão”, sendo os aspectos de tonicidade, nesses últimos casos, de grande importância para o estudo da nasalidade em língua portuguesa.

No trabalho em tela, as ocorrências dos erros ortográficos na escrita, ligados: ao apagamento da nasalidade (bombeiro/bobeiro); à troca de consoante nasal (bombeiro/bonbeiro) e à inserção de consoante nasal (igreja/ingreja), recorrentes nos textos produzidos pelos alunos do 6.º ano do Ensino Fundamental, participantes desta pesquisa, nos chamou a atenção pelo fato de que eles ainda não dominavam a relação grafema e fonema e o papel que ocupam na palavra ou no texto como um todo.

Sendo assim, temos como uma das hipóteses de trabalho a observação de que tais ocorrências aparecem de forma natural na fala e são transportadas para a escrita pelos discentes de maneira natural ou por desconhecerem algumas regras do funcionamento do sistema ortográfico da língua portuguesa. Dessa maneira, somente quando passam a ter um conhecimento maior das regras ortográficas da nossa língua compreendem que apesar de uma complementar a outra, o oral e o escrito possuem funcionamento diferente, ou seja, na fala utilizamos nossas experiências de vida, de região ou grupo na maneira de nos expressarmos. Na escrita, além de percebermos esses aspectos, utilizamos também um código linguístico

rico em normas e regras, as quais todos os falantes/ escreventes daquela língua devem seguir. Esse código ficou conhecido como norma padrão. Nesse interim, quando o aluno fala “contonete” não quer dizer que ele não saiba o que significa, mas, que nesse contexto ficou determinante o uso de uma variante linguística. Já, na escrita, gravar “contonete”, ao invés de “cotonete”, representa um erro ortográfico.

Mediante esse cenário, elencamos as questões norteadoras que foram analisadas no trabalho: a) o apagamento, a inserção ou a troca do elementos nasal realizado pelos alunos seria uma interferência da fala na escrita? b) os fatores intra e extralinguísticos são os mesmos que a literatura sustenta ocorrer?

Este trabalho justifica-se pela necessidade de combinar teoria e prática na formulação de ações específicas com o fito de aumentar a consciência dos aprendizes quanto à relação existente entre fala e escrita, bem como viabilizar as condições necessárias para uma expressão escrita mais cuidadosa. Em outras palavras, esta pesquisa se apoia na importância de um estudo que reflita o processo da nasalização como um fenômeno pertencente à fala, que também interfere no processo de escrita e, por isso, requer ações mais efetivas em torno da escrita.

O objetivo geral deste estudo foi analisar os apagamentos, inserções e trocas da consoante nasal, na coda silábica, nos textos escritos dos alunos do 6º ano do ensino fundamental e criar um produto pedagógico capaz de diminuir tais ocorrências. Os objetivos específicos, por sua vez, são: a) quantificar as ocorrências do apagamento, da inserção e da transformação da nasalidade presentes na escrita dos estudantes; b) descrever os contextos linguísticos, na escrita deles, em que o fenômeno da nasalização aparece.

A pesquisa foi realizada em duas turmas do 6º ano, “A” e “B”, do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de São Cristóvão-SE. Elas têm um total de 65 alunos, sendo 35 alunos no A e 30 no B, com faixa etária entre 11 a 15 anos. A grande maioria deles é oriunda do entorno do conjunto Eduardo Gomes, na mesma cidade, em localidades como: Rosa Elze, Tijuquinha, Madre Paulina e Luís Alves.

Como pressuposto metodológico, escolhemos a pesquisa-ação, de Michel Thiollent (2011), por atender aos aspectos quantitativos, demonstrando através dos números, a incidência do problema, mas também, aos qualitativos, buscando entender e analisar informações obtidas, trazendo meios para a resolução dos problemas através da participação de todos os envolvidos. De acordo com a metodologia escolhida, elaboramos os seguintes

passos: a coleta do *corpus* da pesquisa; a análise do *corpus* e a produção de um produto pedagógico para redução do problema apresentado. Em termos organizacionais, este trabalho se encontra dividido em: uma parte introdutória, um desenvolvimento (dividido nas seções I e II), além das referências bibliográficas.

Como aporte teórico, empregamos os estudos de Alberto Roiphe (2020) e suas análises a respeito do jogo e da aula Marcos Bagno (2012), com seus estudos sobre a língua Culta Brasileira; Dermeval da Hora (2009), Dinah Callou e Yvone Leite (2009), Leda Bisol (2014), e Thais Cristófaró Silva (2003) e Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011), que tratam dos processos fonológicos; Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1986, 1992) pelas suas pesquisas inovadoras sobre a definição da nasalidade e da nasalização em Língua Portuguesa; e Stela Maris Bortoni-Ricardo (2005) com seus estudos sobre os eventos de oralidade e análise dos erros.

O trabalho em questão foi estruturado da seguinte maneira:

Na Seção I, apresentamos uma breve discussão teórica sobre o processo fonético e fonológico da nasalização. Nela, abordou-se os principais questionamentos acerca do apagamento, da inserção ou da troca do elemento nasal, buscando perceber os contextos em que ocorrem com mais frequência nos textos escritos dos alunos do 6º ano do ensino fundamental.

Ainda na referida seção, trouxemos aspectos sobre os estudos linguísticos, com foco nos eventos de oralidade e análise de erros propostos por Bortoni-Ricardo (2005). Além das discussões sobre a norma padrão e culta brasileira, apresentados por Marcos Bagno (2012).

Em seguida, a Seção II traz a metodologia adotada. Elencou-se, nesta parte do trabalho, os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta dos dados, as análises e a discussão desses dados. Além disso, tratou-se dos procedimentos adotados que culminaram em uma proposição de intervenção pedagógica intitulada Fono(alvo), criado para reduzir os efeitos da nasalização na escrita.

Na Seção III, especificamos os objetivos do Fono(alvo), suas características e instruções de uso para o conjunto de atividades criadas para esse fim. Finalmente, encerramos a Seção III e apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas que nortearam todo trabalho.

Esperamos que esta pesquisa e o produto desenvolvido a partir dela possam ajudar o professor e o aluno a superarem os reflexos do processo fonológico da nasalização, presentes

na fala, sobre a escrita. Ademais, o trabalho servirá como fonte de pesquisa para outros estudos que se situem na mesma temática do processo fonológico da nasalização em textos escritos por discentes ao longo do Ensino Fundamental.

1 SEÇÃO I – A NASALIZAÇÃO NOS TEXTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

O trabalho em tela debruçou-se sobre os erros ortográficos cometidos na escrita, possivelmente pela interferência do processo da nasalização. Para tanto, elencou-se estudos fundamentais, bem como se detalhou os conceitos básicos que explicam e exemplificam o assunto, tais como: a importância do processo fonológico na fala e na escrita, as discussões a respeito da norma culta brasileira, o processo de escrita no ensino fundamental, além da implementação de uma intervenção pedagógica com o fito de ajudar docentes e alunos.

1.1 Breves considerações sobre nasalidade e nasalização

No que tange aos estudos fonéticos e fonológicos, Câmara Jr. (1992, p. 20) nos adverte acerca de que “a escrita não reproduz fielmente a fala”. Isso acontece porque ela tem suas leis específicas e segue seu próprio caminho. No entanto, para aprendermos a ler e escrever precisamos, antes, aprender a falar. Assim, compreende-se que o aprendizado da escrita tem a fala como parte integrante do ensino ortográfico.

Cabe destacar que a fonética estuda os sons acústicos da fala, enquanto a fonologia tem seu funcionamento dentro da língua.

Assim, à fonética cabe descrever os sons da linguagem e analisar suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas. À fonologia cabe estudar as diferenças fônicas intencionais, distintivas, isto é, que se vinculam a diferenças de significação, estabelecer como se relacionam entre si os elementos de diferenciação e quais as condições em que se combinam uns com os outros para formar morfemas, palavras e frases (CALLOU e LEITE, 2009, p. 11).

No tocante aos contextos nasais, vale ressaltar que no português do Brasil existem sons nasais e sons nasalizados.

Nos nasais há, além do abaixamento do véu palatino, uma obstrução na cavidade bucal, causada pela aproximação dos dois articuladores (figura 5b). É o que ocorre com as consoantes m [m], n [n] e nh [ɲ] em *mama*, *mana*, *manha*. Para a pronúncia do [m], o obstáculo é formado na cavidade bucal pelo fechamento dos lábios, em [n] pela junção da ponta da língua com a parte posterior dos dentes e em [ɲ] pela articulação da lâmina da língua com o palato duro. Não havendo obstrução total na cavidade bucal o ar escapa também pela boca e o som é chamado nasalizado. As vogais, as fricativas, as laterais, os flepes e tepes são sons que podem ser nasalizados, uma vez que para sua produção não há a obstrução na cavidade bucal (CALLOU e LEITE, 2009, p. 22).

Sons nasais e sons nasalizados ocorrem com frequência em nossa língua, uma vez que, articulatoriamente, “os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que se encontram” (SILVA, 2003. p. 121), a exemplo do que ocorre em *c[ã]ma* e *b[ã]nho*. No que diz respeito à nasalização na língua portuguesa, Mattoso Câmara (1992) afirma acreditar-se que as vogais

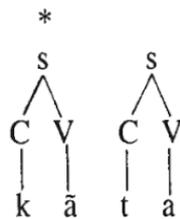
nasais não existem. O argumento apresentado pelo autor é que há uma voz anasalada, assimilada pelas consoantes nasais da próxima sílaba, como na palavra [cama] [cãma]. A vogal nasal assimila o traço nasal da consoante, também nasal, da sílaba seguinte, obtendo, desse modo, apenas distinção de sonoridade e não de significado. Por outro lado, nota-se que isso não acontece, por exemplo, em “canto e cato”, haja vista a queda da consoante N alterar o significado da palavra canto. Isso coloca a discussão sobre as vogais em uma perspectiva bifonêmica, conforme Mattoso Câmara (1992) e Cagliari (1997), ou Monofonêmica, como se contempla em Leite (1974).

A relação bifonêmica defendida por Mattoso Câmara (1992) apresenta que, na estrutura subjacente, haverá dois elementos compostos por vogal seguido por consoante nasal. Para o autor, tal consoante é na verdade um fonema primitivo /N/ porque não especifica o ponto de articulação, assume o mesmo da próxima consoante e torna a produção de voz possível.

Já Cagliari (1997), propôs os sons nasais como flutuantes. Segundo o autor, os sons nasais flutuam, ou seja, não ficam no mesmo lugar no esqueleto da sílaba, por não ser padronizado como ponto de pronúncia, direcionando-se por dois caminhos: a realização efetiva através de pontos de assimilação, a pronúncia da próxima consoante; ou o declínio das consoantes nasais, espalhando seus traços.

Na relação Monofonêmica, sustentada por Leite (1974), na estrutura existe apenas um elemento: a vogal nasal, como mostra a figura abaixo:

Figura 1. O vocábulo “canta” a partir de uma visão Monofonêmica.



Fonte: MORAES e WETZELS (1992, p. 156).

Compreendida a discussão acerca da vogal nasal, nas consoantes, suas representações se encontram nos fonemas [m, n, ⁿ]. Estes, serão objeto do presente estudo quanto à

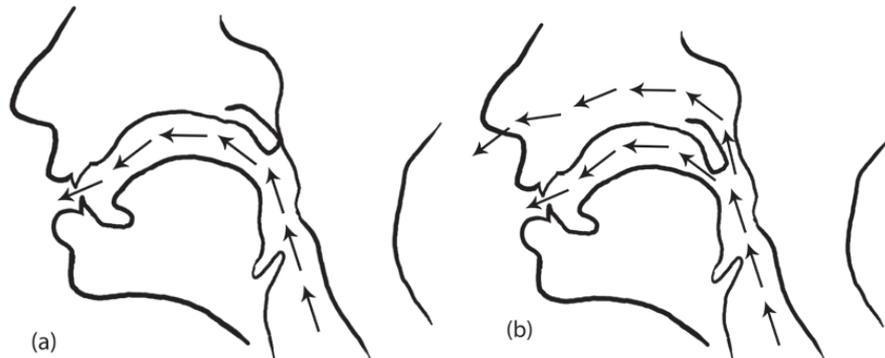
supressão, inserção e troca deles na escrita dos alunos, analisados em alguns dos exemplos listados: bricar/ brincar, contonete/ cotonete, ambulância/ambulância. No entanto, cabe mencionar que a produção sonora dessas palavras não causam grandes dificuldades, o problema aparece na escrita. Como ajudar o estudante a entender que fala e escrita nem sempre são iguais? Isso, porque a escrita compõe um código distinto para escrever, nem sempre havendo igualdade na transposição da fala para a escrita.

No que concerne aos sons nasais, pode-se perceber que ocorrem tanto nas vogais quanto nas consoantes. Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011, p. 88) os definem, quanto ao modo de articulação, do seguinte modo:

Define os sons produzidos com o abaixamento do véu do palato e com o ar escapando pelas cavidades nasais. São [+nas] as consoantes nasais e as vogais e semivogais nasalizadas. Os sons produzidos com o véu do palato levantado contra a faringe são [-nas] e constituem-se dos sons orais plosivos, fricativos, laterais, africados, vibrantes e tepe.

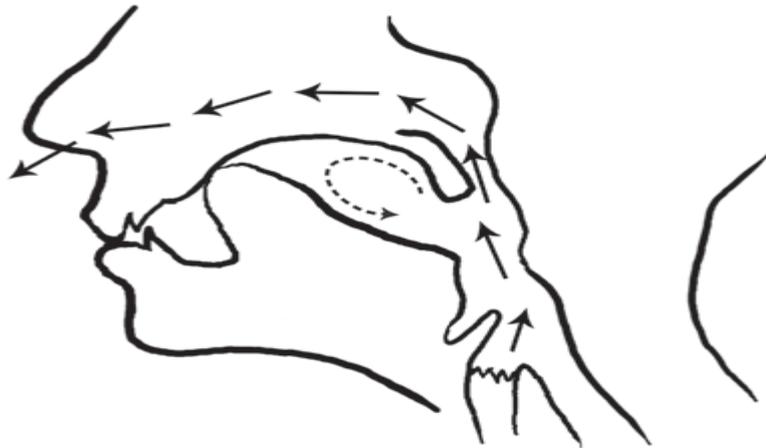
Vejamos nas figuras abaixo como se comportam os movimentos articutórios na produção dos sons nasais.

Figura 2. Movimentos articutórios das vogais orais e nasais.



Fonte: Adaptada de SEARA, NUNES E LAZZAROTTO VOLCÃO (2011).

Figura 3. Configuração articulatória da nasal alveolar sonora [n]



Fonte: Adaptada de SEARA, NUNES E LAZZAROTTO VOLCÃO (2011).

As imagens 2 e 3 nos mostram que, quando um som da fala é realizado e o véu palatino está abaixado, o ar também sai pelas narinas, produzindo-se os sons nasais. Diferente do que ocorre na produção dos orais, por exemplo, em que o véu palatino permanece levantado, o que bloqueia a entrada de ar nas cavidades nasais.

Para entendermos melhor os contextos nasais, devemos esclarecer que, em Língua Portuguesa, temos dois fenômenos diferentes a respeito do traço distintivo de nasalidade: a nasalidade e a nasalização. Câmara Jr. (1992) denomina esses processos de nasalidade fonética e nasalização fonológica, respectivamente. A primeira diz respeito ao processo articulatório ou não da vogal oral e demonstra variação linguística, a exemplo de cama-[cãma]. A nasalidade não distingue palavras no português, mas, apenas a variação linguística da nossa língua. A nasalidade fonética assinalada por Câmara Jr. (1992) nos revela que as pronúncias para [kama] e [kãma] não ocorrem em valor de significação, atendo-se apenas à diferenciação acústica, pois, em [cama] aparece uma vogal oral.

Por sua vez, em canto [cãnto], a vogal torna-se nasal pela presença do fonema nasal que espraia para a vogal da sílaba anterior, fato esse que comprova a nasalidade fonológica, uma vez que a falta desse fonema ocasiona mudança de significado da palavra, como se percebe em canto/cato, no qual a falta do fonema/grafema “n” mudou por completo o significado da palavra.

Em resumo, a nasalidade fonológica é a ocorrência da vogal nasal obrigatória pela presença da consoante nasal em palavras, como por exemplo: “pranto”, “canto”, “bento” etc.

Esse processo em alguns termos causa diferença de significado, como em lá/lã e mito/minto. Nesse contexto, ocorre o que Câmara Jr. (1992) chama de “status fonológico”, na medida em que a presença do arquifonema nasal /N/ e do sinal diacrítico til (~) nas palavras apresentam oposições em seus significados.

O traço da nasalidade, presente nas vogais, apresentado por Hora (2009) nos revela as seguintes posições:

A) a vogal, na sílaba tônica, sempre assimilará o traço [+nasal] da consoante adjacente, como nos exemplos [fĩno] e [kãma];

B) a vogal, em sílaba átona, terá assimilação opcional, a exemplo de f[ĩ]nal;

C) diante de consoante palatal “nh”, a nasalização é “categórica”, como têm-se em s[õ]nho.

Com o escopo de perceber se o processo fonológico da nasalização aparecia nos textos dos alunos, aplicamos dois testes diagnósticos. O primeiro deles foi apresentado em Datashow. Foram imagens com palavras que poderiam possivelmente apagar, inserir ou transformar o arquifonema nasal em sua estrutura. Solicitou-se que os alunos escrevessem na folha de papel A4 seus nomes. O segundo teste referiu-se à solicitação de uma produção de texto escrita (produzida em aula remota), intitulada diário pessoal.

A partir disso, observou-se que o apagamento nas palavras bombeiro/bobeiro, a troca em mendigo/medingo, a inserção da consoante nasal em mortadela/mortandela, ou a troca da nasal “n” por “m” em balanço/balamço, ocorrem na estrutura silábica, fazendo-se necessário, então, entendermos o movimento articulatorio e a constituição da sílaba, pois, são “seus tipos de estrutura que marcam caracteristicamente as línguas” (CÂMARA Jr., 1992, p. 53).

Conforme o “Dicionário de Linguística e Gramática”, “a sílaba é uma emissão vocal assinalada por um ápice de abrimento articulatorio e tensão muscular, que corresponde ao fonema silábico” (CÂMARA Jr., 1986, p. 218). O movimento de expiração e inspiração do ar, provocado no aparelho fonador (pulmões, laringe, faringe e cavidades orais e nasais), distingue o ápice de sonoridade ou perceptibilidade acústica da sílaba.

Assim como Câmara Jr. (1992), Callou e Leite (2009) concebem a sílaba como uma cadeia sonora com aclives, ápices e declives de sonoridade. As sílabas são compostas por vogais, consoantes ou glides, sendo que as vogais ocupam a posição de centro/núcleo da sílaba, que se dividem em: silábicas (marcam fronteiras com consoantes ou vogais) como em

fogo, e assilábicas (marcadas fronteiriçamente por vogais) como em herói. Há, também, contextos silábicos quando não há consoante em seu declive (sílabas abertas) e quando ocorre a presença da consoante em seu declive (sílabas travadas). A título de exemplo, tem-se “má” e “mar”, as quais correspondem respectivamente à aberta (composta por “CV”), e travada (CVC).

O estudo dos contextos de nasalização a que se propõe este trabalho ocorre na sílaba travada (CVC), em posição de coda silábica, porque se verificou que nela ocorre a omissão, a substituição ou a modificação do arquifonema nasal /N/, o que atrairia o processo da nasalização para a escrita. Este será marcado pela presença da vogal nasal favorecida pelo arquifonema nasal /N/, composto por “an”, “en”, “in”, “on”, “un” ou “am”, “em”, “im”, “om”, “um” em sua composição. Destaca-se, ainda, que “há um quarto tipo de vogal travada” (CÂMARA Jr., 1992, p. 58), formada pelo arquifonema /N/, que se realiza como “m” diante das bilabiais, como /n/ nas demais articulações <senta> e como [ɲ] em posição vocálica final <lã>.

A análise da interferência do processo fonológico da nasalização nos textos escritos dos(as) alunos(as) favorecerá também o estudo da variação linguística proposto por Bortoni-Ricardo (2005, p.20), haja vista ser importante para o estudo da escrita conhecermos as diferenças na estrutura social, nas normas e valores culturais que condicionam os comportamentos linguísticos.

Esse campo de estudo nos propiciará o entendimento dos aspectos da transposição da fala para a escrita e da nasalização fonológica em sua forma distintiva, visto que queremos entender como ocorre essa diferenciação fala/escrita que, além de gerar erro ortográfico, também ocasiona mudança de significação. Nesse contexto, após a aplicação do teste diagnóstico junto aos estudantes, percebemos as seguintes ocorrências do processo fonológico da nasalização nos textos escritos:

A) Troca da consoante “m” por “n” e vice-versa em contextos de final de sílaba, como se vê em bombeiro/bombeiro e sobrançelha/sobramçelha;

B) Inserção da consoante “n” fazendo referência ao prefixo “in”, a exemplo de igreja/ingreja;

C) Supressão da consoante “n” em final de sílaba travada, como em mendigo/medigo.

Nos casos relatados acima, o que podemos perceber é que, na maioria deles, os discentes ainda não dominam regras ortográficas básicas, a exemplo da regra do m e do n.

Ademais, nas outras colocações fica evidente uma possível transposição da fala para a escrita. No entanto, é necessário relatar que, por conta da pandemia da Covid-19, não foi possível aplicar outros testes para comprovação dos reflexos da interferência da nasalização, presente na fala, sobre os textos escritos dos estudantes. Eles possibilitariam conhecer mais o tema, ou seja, observar o aparecimento do som nasal em outros contextos, como, por exemplo, o “m” e o “ão” em contextos finais de coda silábica, trazendo, assim, para a pesquisa um arcabouço maior de análises fonológicas.

Dessa maneira, analisar a omissão, a substituição ou as modificações da nasalização nos textos escritos dos alunos nos levará a entender os erros decorrentes da marcação inadequada do processo da nasalização como uma possível interferência da fala na escrita.

1.2 Processos fonológicos

Em algum momento da vida já sentimos dificuldade de pronunciar determinado som da nossa língua. Quando isso acontece, procuramos buscar outro som mais próximo ou de menor complexibilidade. Stampe (1973) destaca que um processo fonológico é uma operação mental que se aplica à fala para substituir, no lugar de uma classe de sons ou de uma sequência de sons que apresentam uma dificuldade específica comum para a capacidade de fala do indivíduo, uma classe alternativa idêntica, porém, desprovida da propriedade difícil. Portanto, essas transformações são acomodações linguísticas, que chamamos de processos fonológicos. No entanto, os professores precisam conhecer e refletir a respeito destas transformações para lidar com os possíveis erros de escrita advindos da relação fala e escrita.

Segundo Seara, Nunes e Volcão (2011), a língua muda constantemente. As palavras das autoras nos mostram que ela é dinâmica e apresenta modificações sincrônicas e diacrônicas, ou seja, a fala e a escrita de um senhor de idade pode apresentar diferentes sons e sentidos em comparação com aquelas ditas por seu neto hoje. Essas diferenças são o que elas chamaram de processos fonológicos.

Ao trabalhar os processos fonológicos presentes na fala ou na escrita dos estudantes, o docente deverá ter o cuidado de entender que estes, são “alterações sonoras sofridas nas formas básicas dos morfemas quando se combinam para formar palavras ou no início ou final de palavras justapostas (SHANE,1975 *apud* SEARA, NUNES E VOLCÃO, 2011, p. 109). Essas alterações têm a capacidade de transformar, cancelar e inserir segmentos. Sobre esse contexto, Callou e Leite (2009) apresentam a assimilação como sendo um dos processos

fonológicos mais frequentes em Língua Portuguesa (LP), por ser o que mais recebe alterações fônicas. Já Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes (2011) organizam os processos fonológicos nas quatro categorias a seguir: a) assimilação: em que um segmento se torna semelhante a outro vizinho; b) estruturação silábica: quando ocorrem mudanças nos elementos silábicos; c) enfraquecimento e reforço: em que ocorrem modificações dos elementos conforme sua posição na palavra; d) neutralização: quando segmentos distintos perdem suas diferenças em determinados contextos.

Outros processos, além dos destacados, podem apresentar apagamento, trocas ou inserções de fonemas, a saber:

- a- Processos que apagam segmentos, podendo ser uma vogal, uma consoante ou um glide, como a Monotongação, que concerne à mudança de um ditongo para uma vogal simples. Por exemplo: roupa > “ropa.
- b- Processos que promovem a inserção de segmentos, como a Ditongação, que refere-se ao aparecimento de um ditongo quando deveria ter-se apenas uma vogal simples. Por exemplo: arroz >”arroiz”.
- c- Processos que promovem a transposição ou a substituição de consoantes e vogais, como o Rotacismo, que consiste na troca do l pelo r, e vice-versa. Por exemplo: problema >”pobrema”.

Entre as categorias, Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes (2011), destacam que a nasalização de vogais pode ser considerada como uma forma de assimilação, visto que ocorre quando o segmento sonoro assimila o traço distintivo do termo vizinho, como por exemplo, a palavra “cama” [kãma], em que a vogal tônica “a” é obrigatoriamente nasalizada quando seguida de consoante nasal.

Silva (2003, p. 121) afirma que o processo de alteração segmental, vozeamento e nasalidade ocorrem por assimilação ou ajuste fonético. Autora parte da premissa de que os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que se encontram. Sendo assim, a nasalidade pode se apresentar, em relação à posição da vogal tônica, das seguintes maneiras: a) Em posição tônica, seguida da consoante nasal, ela é obrigatória; e b) Em posição pretônica, a nasalidade é opcional. A autora ainda destaca que, entre as línguas naturais, os processos fonológicos mais “usados” pelos falantes são: a labialização, a assimilação e a nasalização.

Dentre os processos fonológicos mais recorrentes nas línguas naturais temos: labialização ou arredondamento de consoante seguida de vogal arredondada; palatalização de consoante seguida de vogal anterior; assimilação de sonoridade em limite de sílaba; assimilação de lugar e modo de articulação; nasalização de vogais próximas a consoantes nasais (SILVA, 2003, p. 199).

Para tratarmos sobre o assunto abordado neste trabalho – o apagamento, a inserção ou a troca do elemento nasal, precisamos entender o que é sílaba, pois, a “noção de sílaba é essencial para os estudos fonológicos” (MIKAELA ROBERTO, 2016 p. 71). Segundo a autora, a sílaba representa um ou mais fonemas emitidos de uma só vez e constitui a unidade percebida pelos falantes. Como mencionado anteriormente, na pesquisa em questão, a base de nossa análise será a silábica travada (consoante + vogal + consoante), visto que os erros ortográficos prescritos pelos alunos (omissão, inserção ou troca de elemento nasal) se encontram na formação dessa sílaba. Diante disso, analisar-se-á a nasalização fonológica sob esses três aspectos:

- A) O apagamento do traço nasal. Nesta modalidade, o estudante demonstra desconhecer a relação grafema/fonema, visto que um fonema pode ser representado por diversos grafemas em Língua Portuguesa, como se vê abaixo:

Quadro 1. Exemplos do apagamento do traço nasal

Grafia padrão	Escrita do aluno
bombeiro	bobeiro
mendigo	medigo

Fonte: elaborado pela autora (2021).

- B) A troca do traço nasal. O aluno reconhece a nasalidade, mas, não sabe com que letra grafar.

Quadro 2. Exemplos de troca do traço nasal.

Grafia padrão	Escrita do aluno
bombeiro	bonbeiro
sobrancelha	sobramcelha
Balanço	Balamço

Fonte: elaborado pela autora (2021).

C) Inserção do traço nasal. O aprendiz acrescenta a marca da nasalidade quando ela não existe.

Quadro 3. Exemplos de inserção do traço nasal.

Grafia padrão	Escrita do aluno
Cotonete	Contonete
Mortadela	Mortandela

Fonte: elaborado pela autora (2021).

Após verificar as ocorrências desses contextos fonéticos e fonológicos, percebemos que os alunos estão fixando as palavras de acordo com seus conhecimentos orais, o que nos leva a crer serem transportados da fala para a escrita, sendo, dessa forma, uma representação variacional. Como também apresenta aspectos que são pertinentes à nasalização, eles deixam de gravar o fonema nasal pertinente (como ocorre na palavra bombeiro/ bobeiro). Ou pelo desconhecimento das normas de escrita do “m”, antes do b e p, e “n”, nas demais consoantes da língua portuguesa, como é marcado no quadro 2. Nestes casos o que não é internalizado pelo aluno é a regra gramatical. No entanto, a constatação desses critérios não pôde ser detalhada com maior exatidão em virtude do fechamento das escolas do país devido à Covid-19, vírus que apareceu em Wuran, na China, no ano de 2019 e se estendeu rapidamente por todo o mundo, levando milhares de pessoas à morte.

Por outro lado, não podemos deixar de encontrar possíveis soluções e cenários de aprendizagem com o fito de dirimir os erros de escrita dos alunos. Com vistas a ajudá-los, no processo de ensino-aprendizagem, na compreensão do código escrito, criamos o jogo pedagógico Fono(alvo), como proposta de intervenção pedagógica.

1.2.1 Dialogando com outros trabalhos dentro do âmbito da formação de professores sobre a nasalidade.

No âmbito nacional, o Profletras (programa de pós-graduação profissional em Letras) tornou-se um apoio para encurtar a distância entre teorias e práticas para educadores de todo o país. Nesse contexto, buscamos no âmbito do citado programa, trabalhos a respeito da temática de nossa pesquisa. Encontramos, na Universidade Federal de Sergipe, os seguintes trabalhos: **Ah, amada Amanda: contação de história como subsídio para trabalhar a supressão da consoante nasal em posição de coda silábica**, da professora Joyce dos Santos Lima. Ele traz um estudo detalhado da supressão do elemento nasal em coda silábica, em uma escola municipal de ensino fundamental, no município de Laranjeiras-SE, e tem como projeto interventivo a ilustração de um livro produzido pelos alunos, além da criação do jogo Trilhando, trilhando.

Outro trabalho foi **Batalha Nasal em jogo: Estratégias para depreender diferenças entre a escrita e a oralidade através do jogo Batalha Nasal para alunos do 7 ano do ensino Fundamental do município de Aracaju**. Neste trabalho, a docente Jandira Cravo Barbalho Neta marca a interferência da fala na escrita, destacando a presença de nasalidade no texto dos alunos do Ensino Fundamental II, apresentando como proposta de intervenção um jogo pedagógico que reúne três categorias: linguagens, Cultura Sergipana e Entretenimento.

Em **Língua em jogo: reflexões e estratégias para trabalhar o apagamento da nasal em verbos**, a professora Mestra Adriana Alves de Santana Santos nos traz um estudo contextualizado acerca do apagamento nasal nos verbos, nos textos escritos dos alunos do 9 ano do Ensino Fundamental maior. Como produto pedagógico, a educadora nos apresenta um jogo a ser executado em três etapas: o primeiro, Jogo da Memória; o segundo, o jogo Passa ou Repassa; e, por último, um Quebra Cabeça.

Esses são alguns dos trabalhos que nos inspiraram e nos fortaleceram na busca por implementar ações que venham a contribuir para um ensino de qualidade na rede pública de ensino.

1.3 A interferência da fala na escrita

Fala e escrita são duas modalidades das línguas em geral. Todavia, se busca encontrar um ponto de equilíbrio entre o oral e o escrito. Marcuschi (2007) apresenta que os estudos linguísticos nos trouxeram uma ideia prejudicada dessa relação visto que a fala se dava no âmbito do uso real da língua, o que nos impossibilitou um estudo mais detalhado e sistemático da variedade linguística, ou seja, a linguística estava mais preocupada em demonstrar, do que perceber a funcionalidade da língua. Dessa forma, a escrita passou a ter status de supremacia em relação à fala porque se buscava condensá-la dentro de uma norma.

Partindo-se do pressuposto de que ambas têm uma organicidade, uma forma de uso para cada situação discursiva, não podemos dizer que a fala é informal e a escrita formal. O que podemos perceber é que a primeira veio antes da última e que a oralidade, tanto quanto a escrita, tem sua importância e, como tal, deve ser respeitada. Cabe ressaltar que a escrita não é uma representação fiel da fala, como se discutiu por muito tempo. Ambas são práticas discursivas. Marcuschi (2007) nos alerta para o fato de reproduzirmos dicotomias perigosas no que tange a essas duas modalidades, conforme observamos no quadro abaixo.

Quadro 4. Dicotomias perigosas

Fala	Escrita
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita
Concreta	Abstrata
Redundante	Condensada
Não-planejada	Planejada
Imprecisa	Precisa
Fragmentada	Integrada

Fonte: Marcuschi (2007).

Essas dicotomias só servem para reproduzir mais preconceito a respeito da língua, haja vista fala e escrita acontecerem em ambientes diferentes (emissor e receptor, espaço

geográfico, grupos sociais, enfim, cada uma tem seu espaço e possibilidades de realização). Ainda em consonância com Marcuschi (2007), existem três possibilidades de encarar as realidades, entre elas: a) a análise de cada modalidade isoladamente; b) a análise na imanência linguística; e c) a análise da relação com categorias específicas de cada modalidade. Para o autor, a última se revela como a mais adequada para o estudo das relações entre oralidade e escrita porque atende o preceito de se entender fala e escrita em seus usos reais, isto é, a sua funcionalidade no texto.

Portanto, para entender a interferência da fala na escrita, não podemos deixar de investigar as relações específicas de cada modalidade, o que inclui a variação linguística. Nesse sentido, as principais análises contemplam dois caminhos: a variedade diatópica e a variedade diastrática. A primeira distingue as diferenças regionais, ao passo que a segunda, as diferenças sociais. Por conseguinte, uma investigação fonológica e morfossintática apresentaria contrastes profundos entre os falantes que dominam a língua-padrão e os que não têm acesso a ela. Nesse contexto, a escola revela-se como um dos caminhos de ajuste entre os que sabem e os que não sabem.

Além disso, é nela que o falante da Língua Portuguesa tem um contato maior com a escrita, a qual é marcada pela gramática que segue as regras de uma norma padronizada. Conciliar as normas gramaticais dentro de uma comunicação predominantemente oral é muito difícil, uma vez que vivemos ainda o estigma do certo e errado, quando o que deveria ter relevância era a adequação ao modo de fala e escrita, ainda que o ensino da escrita possa ser mais técnico.

Considerando a existência da padronização do ensino no tocante a escrita e, para que essa padronização não seja dificultada, é necessário atentar para o que assevera Bortoni-Ricardo (2005). A autora destaca dois critérios de análise: a) Propriedades linguísticas relacionadas às características intrínsecas à língua-padrão e b) Propriedades de natureza psicossocial. Esses critérios apontam o respeito às variedades linguísticas correntes em LP, porque são elas que “... carregam os traços graduais e os traços descontínuos da nossa língua, respeitando-se o perfil sociolinguístico do falante” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 28).

Os traços graduais são os elementos que aparecem na linguagem de todos os brasileiros, distribuídos em toda a extensão do contínuo da urbanização. Eles descrevem as maneiras comuns de falar pelos falantes e são considerados “corretos”. Já os traços descontínuos são os elementos que existem na fala das pessoas que vivem no meio rural e que

desaparecem à medida que se aproximam do meio urbano, produzindo um viés de linguagem em que os falantes podem sofrer preconceito devido às diferenças nos estilos de fala.

Cabe mencionar que esta pesquisa não teve como foco analisar a variante linguística presente na fala do aluno, ou identificar os traços contínuos ou descontínuos. Essa informação servirá de complementação para se entender se o apagamento, a inserção ou troca do elemento nasal vislumbrasse uma possível interferência da oralidade na escrita e, para tanto, observamos o contínuo da oralidade-letramento adotado por Bortoni-Ricardo (2005). É nele que acontecem os eventos de comunicação, seja no momento das conversas descontraídas com os amigos, seja nos eventos de escrita, quando são observados os gêneros escritos e a norma-padrão.

Faraco (2008) aponta que “Norma”, para os estruturalistas, refere-se aos diversos modos sociais que cada falante usa para realizar os grandes esquemas de relações do sistema linguístico, como sendo um arranjo de possibilidades na língua. Tecnicamente, “Norma” é o conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais), que são concorrentes, costumeiros, habituais em uma comunidade de fala. Para os gerativistas, uma materialização de uma determinada gramática.

Na visão variacionista, por seu turno, refere-se a uma combinação de regras variáveis. Dessa forma como poderíamos dizer que este ou aquele modo de falar é mais viável ou correto que outro? Esse é um dos grandes conflitos entre linguistas e gramáticos, sendo que este duelo poderia ser resolvido apenas com uma simples palavra – “aceitável”. O uso dessa palavra poderia ser defendido para que não houvesse equívocos, tais como dizer que o uso de determinada colocação, na fala ou expressão linguística, configura-se erro, o que leva ao preconceito linguístico. Optando-se por apresentar que ela depende de seus usos e modos dentro de um determinado grupo.

Faraco (2008) defende que não existe uma norma pura. Segundo o autor, a linguagem formal e a não formal se misturam e multiplicam-se, tornando-se híbridas à proporção que seus falantes ultrapassam seus lugares de fala. Assim, quando um cidadão de uma comunidade rural tem contato com a escola, ele leva suas vivências e seu modo de falar, fundindo-o com uma língua mais cuidada e criteriosa. Nesse ínterim percebemos o que se convencionou chamar de Norma-Padrão e Norma não padrão ou Popular.

Faraco (2008) apresenta a seguinte proposição sobre a Norma:

- a) Norma culta → conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações de monitoramento de fala e escrita;
- b) Norma-padrão → codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialetação, a projetos políticos de uniformização linguística;
- c) Norma Culta → conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldos nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas, que sustentam uma nociva cultura do erro e têm impedido um estudo adequado da nossa norma culto/comum/standard.

O referido autor expõe que é muito complicado estabelecer, no Brasil, um ponto de concordância entre norma-culta e norma-padrão, porque a culta é a regra mais utilizada pela classe letrada e é nela que ainda se apresentam pontos discordantes entre fala culta e escrita (a que traz a marca da norma-padrão propriamente dita). Desse jogo de discordâncias é que surge a norma culta, que é carregada pela marca da intransigência. Ou seja, não admite marcas dialetais, não muito raras na fala da maioria dos letrados, dominantes da norma culta, bem como, presente na dos iletrados, aqui postulados como usuário da variedade informal da língua/ linguagem popular.

Como trazer para a escola esta discussão sem prejuízos ou juízos de valores? O ideal seria, assim como defende Faraco (2008) é: trabalhar com a possibilidade de o uso sempre se sobressair à norma gramatical; cabe ao falante, nos conflitos entre dois fatos da norma culta, escolher qual utilizar; e, por fim, prevalecer a escolha do falante nos conflitos existentes entre a norma culta e a norma gramatical/padrão. O equilíbrio a esses pontos nos reporta ao exposto por Bortoni-Ricardo (2005) e as categorias dos “erros” de natureza sociolinguística descritas mais adiante.

Diante desse contexto, analisar a interferência da fala na escrita, na maioria das vezes, significa lidar com desvios do traço fonológico presentes na variação linguística do falante. O que se busca entender aqui é como esse momento de fala se realiza na escrita.

[...] a aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstâncias da situação de fala (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 26).

Conhecer o ambiente social do aluno nos dirá muito a respeito dos erros cometidos por ele na escrita, visto que há uma tendência à transposição da oralidade para o sistema escrito.

No entanto, não podemos fazer dessa transposição mais um momento de preconceito linguístico, ao separar os que sabem e os que não sabem falar/escrever conforme a língua-padrão.

O estudo do erro pautou-se na propositiva de que o aluno transfere para a escrita os valores fonológicos da nasalização presentes na fala, sendo no caso específico da fala, um desvio. E, quando estes desvios são transferidos para a escrita, incidem em erros ortográficos. Para tanto, adotou-se a seguinte categorização defendida por Bortoni-Ricardo (2005, p. 54):

- 1) Erros decorrentes da natureza arbitrária do sistema de escrita;
- 2) Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas categóricas no dialeto estudado;
- 3) Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais;
- 4) Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas.

Como dito anteriormente, o estudo do erro de escrita do aprendiz tomará como base o modelo da “análise e a diagnose do erro”, proposto por Bortoni-Ricardo (2005), com exceção do item 1, por se tratar de erros cometidos por infrações do ponto de vista da norma culta. O trabalho observou, para a análise da escrita dos discentes, os itens 2 a 4, na medida em que tratam sobre a interferência da oralidade na escrita. Assim, devemos entender que, quando o(a) aluno(a) escreve, por exemplo, “ingreja”, não significa dizer que não sabe escrever ou não sabe se comunicar, o que acontece nesses casos, possivelmente, é uma reprodução dos aspectos fonéticos presentes na fala, levando-o ao desconhecimento das convenções da escrita.

Nesse sentido, cabe-nos, enquanto docentes de Língua Portuguesa, identificar qual metodologia e atividades se adequariam melhor considerando-se o perfil sociolinguístico e cultural dos educandos, visto que eles compõem uma classe social marcada pela presença de diversos processos fonológicos, percebidos pelas exposições orais em rodas de conversa ou reuniões escolares. Construções como: “tô fazeno o dever”, “ispia”, “vamo pá ingreja”, “indosa”, marcam a fala de grande parte dos nossos alunos, fazendo-nos perceber que, para a análise de escrita, deve-se também observar, fonética e fonologicamente, esses contextos de fala.

Bortoni-Ricardo (2005) destaca que, o trabalho pedagógico para a análise dos erros, deve atentar-se para o perfil sociolinguístico dos alunos, ou seja, seu modo de falar

socialmente, sua região e sua comunidade de fala, como também, a elaboração de material metodológico para resolvê-los. Em concordância com a proposta de Bortoni-Ricardo (2005), surgiu a ideia de produzir um jogo pedagógico capaz de despertar o prazer dos estudantes para aprender a escrever.

Considerando-se as possibilidades de comparação entre um jogo e uma aula, pode-se observar que os limites de tempo e de espaço de um jogo podem coincidir, perfeitamente, com a inteireza de uma aula, que ocorre dentro de um tempo e de um espaço determinados (ROIPHE, 2020, p. 12).

Sendo assim, a perspectiva de se trabalhar com jogos consiste na tarefa de proporcionar diversão e, ao mesmo tempo, conhecimento nesta pesquisa-ação a respeito da língua escrita. Nesse contexto, o jogo Fono(alvo) busca trazer para a sala de aula a possibilidade do discente compreender que a nasalização presente na fala nem sempre estará presente na língua escrita.

Nesta seção, apresentamos resumidamente sobre o processo fonológico da nasalização e a interferência dela no processo de escrita. Na seguinte, apontaremos o percurso metodológico empreendido para este trabalho, bem como a criação do jogo pedagógico Fono(alvo).

2 SEÇÃO II – PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, compreendem-se: o percurso metodológico, com apresentação dos sujeitos da pesquisa; a ambientação geográfica e social dos sujeitos; o detalhamento de uma sugestão de teste diagnóstico; e uma proposta pedagógica que auxiliarão educador e estudantes na tarefa do ensino da escrita.

2.1 O início

Percebendo que nosso alvo é investigar o processo fonológico da nasalização no que concerne ao apagamento, à inserção ou à transformação do seguimento nasal, esta pesquisa foi concebida através da observação empírica da autora dos diálogos dos alunos nos momentos de recreio na escola, o que nos levou à aplicação dos testes diagnósticos – “o ditado imagético” e o diário pessoal, o que nos possibilitou perceber a nasalização também nos textos escritos dos alunos dos sextos anos do Ensino Fundamental.

No tocante ao ditado imagético, selecionamos imagens, cujos nomes apresentavam sonoridade nasal no início, meio ou fim da palavra. Esse material foi apresentado em Datashow e cada aluno recebeu uma folha de papel A4 para que escrevesse os nomes das figuras apresentadas. Já, no diário pessoal, perceberam-se mais casos do processo fonológico da nasalização na escrita. Ele foi aplicado de forma remota, ou seja, através de aula virtual, porém, com número menor de participantes dado o esvaziamento das turmas por conta da Covid-19 e das dificuldades de apropriação dos meios tecnológicos para acompanhar as aulas, por parte dos alunos. O terceiro teste, produzindo textos orais, não foi aplicado pelo mesmo motivo, mas, apresentamo-lo como sugestão, caso o professor queira aplicá-lo. A seguir, apresentaremos informações relativas ao percurso metodológico adotado para o desenvolvimento desta pesquisa desenvolvida em uma escola pública estadual de São Cristóvão/SE.

2.2 A pesquisa

Neste trabalho, usamos o modelo da pesquisa-ação. “Trata-se de facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído” (THIOLLENT, 2011, p. 08). Nesse sentido, para resolvermos um problema de escrita, mais especificamente, a nasalização, optamos por usar a estratégia da pesquisa-ação,

de base exploratória e interventiva, pois, isso nos possibilitaria usar os procedimentos a partir de um diagnóstico da situação, buscando soluções viáveis para o problema abordado. Além disso, iria nos fornecer a oportunidade de fazer com que o aluno seja coautor do seu próprio conhecimento.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Em outras palavras, os envolvidos desempenham um papel ativo na investigação, no detalhamento e na avaliação das ações desenvolvidas, o que lhes dará mais confiabilidade, sobretudo, em uma pesquisa que visa a reduzir o apagamento, a inserção ou a transformação do fonema nasal na escrita dos alunos de duas turmas do 6º ano do Ensino Fundamental.

Vale ressaltar que tomamos ciência destas dificuldades de escrita, marcadas pela presença de aspectos de ordem fonética e fonológica, através dos citados testes diagnósticos aplicados com 20, de 36 discentes, da turma “A” e 15, de 30, da turma “B” fazendo o “ditado imagético” e apenas 15 o diário pessoal. Isso porque aconteceu um esvaziamento das turmas pelo medo causado pelo contágio do vírus Covid-19, como já citamos anteriormente. A maioria dos que realizaram a atividade do ditado apresentou desvios na escrita marcando fortemente o cancelamento, a inserção ou a troca de letra nasal para as imagens apresentadas.

Depois de realizado o levantamento dos dados do processo fonológico da nasalização na escrita, empreendeu-se a tarefa de criar um material interativo capaz de resolver ou amenizar o cancelamento, a inserção ou a troca da nasalidade nos textos escritos dos alunos.

2.3 Contexto da pesquisa

O local de realização da pesquisa foi o Colégio Estadual Professora Glorita Portugal, situado município de São Cristóvão-SE. Fundado em 1590, o município, que foi a primeira capital do estado, se localiza na região metropolitana de Aracaju. Por ser considerada a quarta cidade mais antiga do país, é tombada como patrimônio histórico do Brasil. Conta com uma população de aproximadamente 90.072 habitantes e abriga grandes construções do período colonial, como a igreja e o convento de Santa Cruz. Além disso, sedia alguns eventos culturais, como o FASC, festas tradicionais e religiosas, como as romarias e a festa do Senhor dos Passos, atraindo muitos turistas. A imagem reproduzida a seguir localiza São Cristóvão no mapa de Sergipe.

Figura 4. Localização de São Cristóvão-SE.

Fonte: Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Crist%C3%B3v%C3%A3o_\(Sergipe\)#/media/Ficheiro:Sergipe_Municip_SaoCristovao.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Crist%C3%B3v%C3%A3o_(Sergipe)#/media/Ficheiro:Sergipe_Municip_SaoCristovao.svg). Acesso em: 5 ago. 2020.

No município encontra-se a escola em que foi desenvolvida esta pesquisa. O Colégio Estadual selecionado está situado no Conjunto Brigadeiro Eduardo Gomes, um dos mais populosos do município. Ele atende a uma clientela periférica, de mais ou menos 1.134 alunos, distribuídos em três turnos (manhã, tarde e noite). A instituição começou a participar das avaliações do IDEB, a partir do ano de 2009, conseguindo ter uma leve melhoria na avaliação no ano de 2011, mas, voltar a cair nas demais, ficando abaixo da média nacional, como mostram os dados da Secretaria Estadual de Educação do Estado de Sergipe e do IDEB nacional, expostos a seguir.

Quadro 5. IDEB do Colégio.

	2007	2009	2011	2013	2015	2017
AI	-	-	-	-	-	-
AF	-	1,8	2,4	1,8	1,9	-

ME	-	-	-	-	-	-
----	---	---	---	---	---	---

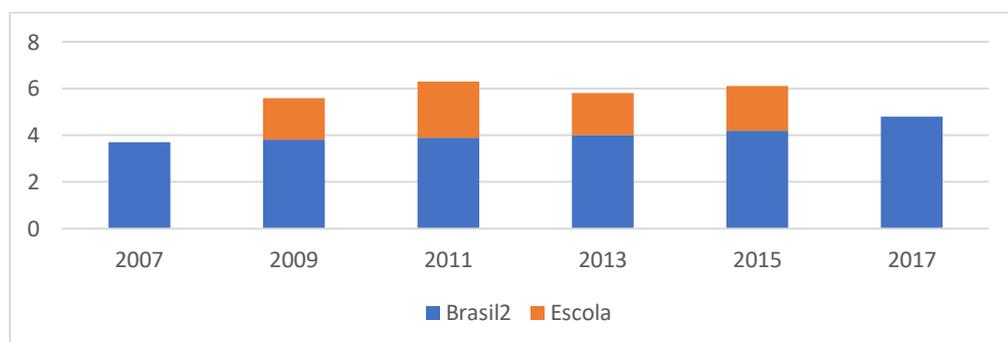
Fonte: Disponível em: <https://www.seed.se.gov.br/redeEstadual/escola.asp?cdestrutura=325>. Acesso em: 15 jul. 2020.

Quadro 6. IDEB Anos Finais.

	IDEB Observado								Metas							
	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Total	3.5	3.8	4.0	4.1	4.2	4.5	4.7	4.9	3.5	3.7	3.9	4.4	4.7	5.0	5.2	5.5
Dependência Administrativa																
Estadual	3.3	3.6	3.8	3.9	4.0	4.2	4.5	4.7	3.3	3.5	3.8	4.2	4.5	4.8	5.1	5.3
Municipal	3.1	3.4	3.6	3.8	3.8	4.1	4.3	4.5	3.1	3.3	3.5	3.9	4.3	4.6	4.9	5.1
Privada	5.8	5.8	5.9	6.0	5.9	6.1	6.4	6.4	5.8	6.0	6.2	6.5	6.8	7.0	7.1	7.3
Pública	3.2	3.5	3.7	3.9	4.0	4.2	4.4	4.6	3.3	3.4	3.7	4.1	4.5	4.7	5.0	5.2

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultadoBrasil.seam?cid=7103247>. Acesso em: 18/março de 2021

Gráfico 1. Comparativo da média nacional e da escola



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Estruturalmente, o Colégio em que se aplicou a pesquisa possui: laboratório de informática, quadra poliesportiva, biblioteca, laboratório científico, 16 salas de aula, diretoria,

secretaria, sala de vídeo, sala de recursos (para atendimento a alunos com deficiência), além disso, ele também conta com internet (disponível apenas para os funcionários).

Por sua localização ser próxima à Universidade Federal de Sergipe, o Glorita Portugal recebe vários incentivos pedagógicos e humanos, por parte dessa instituição de Ensino Superior, a exemplo do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência) nas áreas de Língua Portuguesa, Química e Geografia, além de receber alunos estagiários nas diversas áreas de conhecimento.

Figura 5. Entrada do colégio.



Fonte: Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2019/07/24/>. Acesso em: 5 ago. 2020.

2.4 Sujeitos da pesquisa

Esta pesquisa teve como agentes os alunos das turmas “A” e “B” do 6º ano da referida instituição de ensino, 66 alunos no total – 36 matriculados na turma “A” e 30 na “B”. Os estudantes, sujeitos dessa pesquisa, vivem no conjunto Eduardo Gomes, no Bairro Rosa Elze, no município de São Cristóvão/SE. Em sua maioria, crianças e adolescentes na faixa etária entre 11 e 15 anos, residentes na zona urbana e rural, que apresentam desestrutura familiar e baixo rendimento escolar.

A escolha por essas turmas para sujeitos da pesquisa deu-se por conta de a pesquisadora ministrar aulas de Língua Portuguesa na citada escola e perceber diariamente dificuldades de aprendizagem da turma no que se refere à escrita.

Com vistas a identificar e confirmar os problemas apresentados na escrita dos alunos, aplicamos uma atividade intitulada “ditado imagético”, com o uso do aparelho de *Datashow* do colégio. Nela, pediu-se para que os discentes escrevessem, em uma folha de papel A4, os nomes referentes às figuras expostas. Por seu turno, o diário pessoal ocorreu de forma remota (ela será descrita mais adiante).

Quadro 7. Dados sobre os alunos do 6º A participantes.

Origem Geográfica	Gênero	Grupos Etários
Zona urbana	Masculino (3) Feminino (14)	11-13
Zona rural	Masculino (1) Feminino (2)	11-12

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Quadro 8. Dados sobre os alunos do 6º B participantes.

Origem Geográfica	Gênero	Grupos Etários
Zona Urbana	Masculino (4) Feminino (9)	11-12
Zona Rural	Masculino (1) Feminino (1)	11-12

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Os dados mostram que, dos alunos que participaram da pesquisa, o número de meninas, em ambas as turmas, é maior que o número de meninos. Totalizando 25 meninas e 10 meninos ao todo.

2.5 Procedimentos e Coleta de Dados

Como a base do nosso trabalho é a abordagem quali-quantitativa, fez-se necessário identificar em quais contextos acontecia o apagamento, a inserção e a transposição do arquifonema nasal na escrita dos alunos do 6º ano, ocasionando erros de escrita. Para entendermos esses contextos, elaboramos três atividades – duas de escrita (o ditado imagético e a produção de um diário pessoal) e uma atividade de produção de diálogos orais.

Como se trata de uma turma recém-saída dos anos iniciais do Ensino Fundamental, para a atividade 1 (ditado Imagético) escolhemos trabalhar com imagens. Os discentes foram convidados a irem para a sala de vídeo, local devidamente preparado com computador e Datashow. Iniciando os trabalhos, entregamos uma folha de papel A4 a cada um e, em seguida, a professora pesquisadora apresentou no *Datashow* as imagens selecionadas para a atividade e solicitou que os estudantes escrevessem na folha de papel A4 os nomes das figuras expostas.

A atividade foi aplicada no mês de março de 2020. Como já se sabia da pandemia da Covid-19 (doença respiratória causada pelo Sars-CoV-2), ocorreu um esvaziamento do número de alunos das turmas no dia da aplicação, com 7 meninos e 13 meninas, na turma “B”, 10 meninos e 5 meninas, na turma “A”. Não conseguimos aplicar os demais testes diagnósticos (produção do texto oral e escrito a partir de uma imagem), visto que o vírus da Covid-19 se tornou perigoso, com aumento nos números de mortes por todo país, deixando milhares de estudantes fora das escolas.

Abaixo veremos mais detalhadamente o planejamento do “Ditado Imagético”.

Quadro 9. Atividade Diagnóstica 1 – Ditado Imagético

- Objetivos: identificar o apagamento, a inserção ou a transformação do fonema nasal nas atividades escritas.
- Materiais e tempo estimado para realização da tarefa
 - Slides preparados em arquivo de PowerPoint ou imagens coladas em papel (como cartazes);
 - Folha de papel A4 para escrita dos alunos.
 - Datashow (caso decida pelo arquivo em PowerPoint).

- Tempo estimado: 50min. (1 aula).

➤ Procedimentos

- Convide a turma a participar da atividade proposta;
- Caso use o arquivo em PowerPoint, prepare os equipamentos com antecedência na sala de aula ou no laboratório de informática (a exemplo de Datashow e computador).
- Utilizando as imagens coladas em papel ou cartolinas, vá apresentando uma a uma sem pronunciá-las;
- Solicite que os alunos pronunciem os nomes das figuras e o professor grava as pronúncias neste momento;
- Em seguida, o professor entrega uma folha de papel A4 para que os alunos escrevam os nomes das figuras apresentadas no ditado;
- Agora é só analisar a escrita com foco nos sons nasais pertencentes às palavras selecionadas. Bom trabalho!

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Nesta tarefa foram utilizadas as palavras: cozinha, campo, mendigo, balanço, bombeiro, mundo, cotonete, mortadela e igreja, conforme imagens abaixo:





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras em Rede (PFLP)
Unidade Itabalana



<https://www.hggazeta.com.br/>



<https://www.rio7.com.br/>



<https://br.pinterest.com/pin/790241065641947583/>



<https://Asproducts.com/>

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras em Rede (PPLP)
Unidade Itabaiana



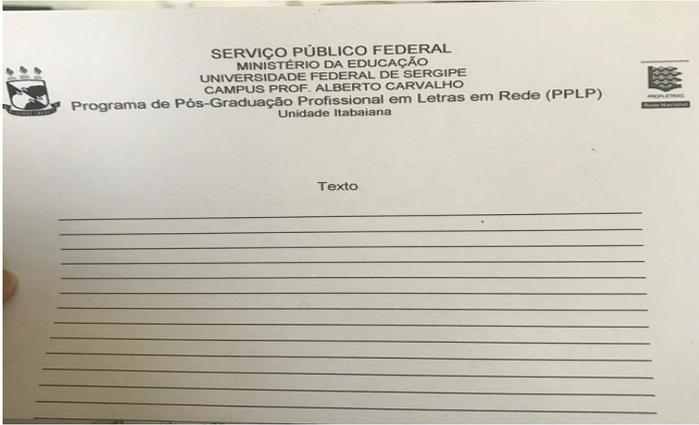
<https://super.abril.com.br/>



<https://itabauniversidades.com.br/>



<https://www.banca43.com.br/>



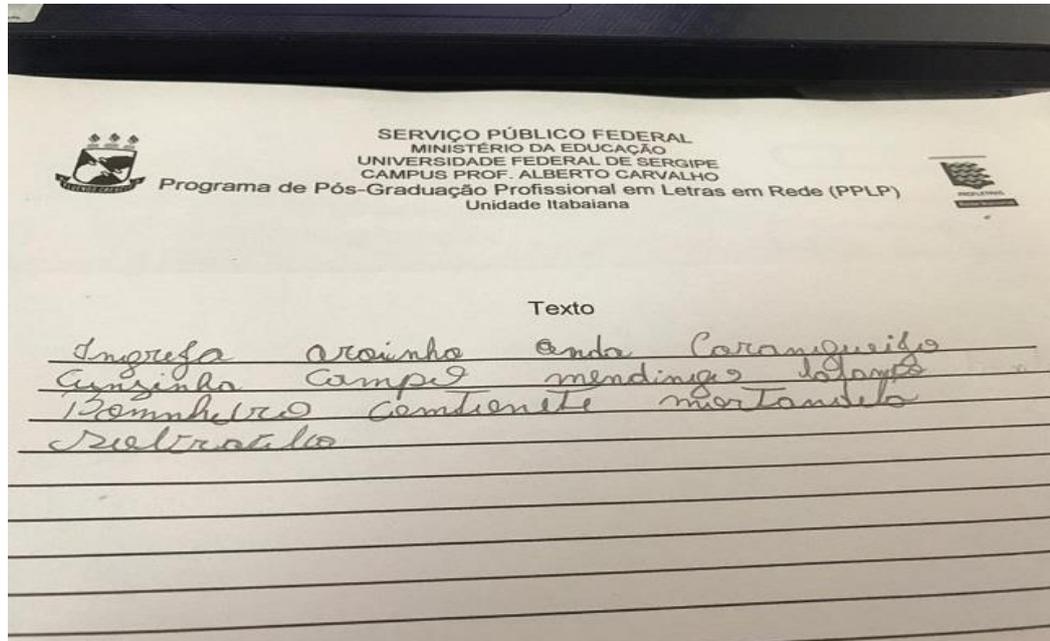
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras em Rede (PPLP)
Unidade Itabaiana

Texto

Fonte: Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cidade>. Acesso em: 5 ago. 2020.

Na atividade acima possível perceber que os alunos apresentavam dificuldades em grafar a nasalidade na escrita, conforme é possível verificar na imagem a seguir:

Figura 6. Resposta de aluno – Atividade “Ditado Imagético”.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

De posse desses registros iniciais dos alunos, elaboramos outra atividade objetivando a confirmação de mais casos de apagamento, inserção ou troca do elemento nasal na escrita deles, o que veio a se confirmar mais adiante.

O segundo teste, que chamamos de “Diário Pessoal”, foi aplicado de forma remota porque o Colégio estava sem aulas presenciais desde março de 2020. Nesse contexto, foram criados dois modos de atendimento escolar ao aluno: aqueles que tinham acesso à internet, foram inseridos em grupos de estudo no aplicativo Whatsapp, bem como tiveram aulas virtuais pelo GoogleMeet ou Zoom; aqueles que não tinham, receberam atividades xerografadas pela escola (empacotadas e higienizadas com álcool 70%, devolvidas da mesma forma).

Pelo Whatsapp, solicitou-se que os estudantes escrevessem um diário pessoal (esse gênero tinha sido trabalhado antes da suspensão das aulas) relatando os momentos de convivência familiar e o distanciamento das atividades presenciais na escola. Para tanto, deu-se um prazo de uma semana. Findo o prazo, solicitou-se no mesmo grupo, que os discentes

entregassem o diário produzido na escola. Mediante análise do material produzido por eles, a docente confirmou o processo da nasalização na escrita deles.

Diário Pessoal

A atividade “Diário Pessoal: relatos sobre isolamento em tempo de pandemia” teve o propósito de manter o aluno em constante aprendizado, como também verificar o processo fonológico da nasalização na escrita. O diário foi uma atividade explicada em sala de aula, presencialmente, com o estudo do texto “A sociedade dos Espiões Invisíveis”, o qual integra o livro “O diário de Pilar”, da escritora Flávia Lins e Silva.

Figura 7. Capa do livro “O diário de Pilar”



Fonte: Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Di%C3%A1rio-Pilar-Amaz%C3%B4nia-Fl%C3%A1via-Silva/dp/8566642643>. Acesso em 5 mar. 2020.

Nas aulas presenciais, conseguimos trabalhar as características dos textos narrativos, como: enredo, personagens, discurso etc. No entanto, devido à pandemia da Covid-19, houve a suspensão das aulas presenciais, sendo necessário nos adequarmos ao formato remoto. Frente tal cenário, criamos nosso próprio diário, adaptado ao novo contexto educacional.

Uma vez que as aulas de Língua Portuguesa dos sextos anos foram ofertadas às segundas e quintas-feiras, procedemos ao seguinte trabalho: às segundas-feiras, eram lançadas nos grupos do Whatsapp planilhas com todas as atividades da semana. Nesse dia, o educador, em horários pré-estabelecidos, ficava à disposição do estudante para esclarecer dúvidas. Às

quintas-feiras, no horário definido, abria-se sala virtual de reunião/aula no GoogleMeet e aguardavam-se os estudantes.

Abaixo, detalhou-se o “Diário Pessoal”, a saber:

Objetivo Geral:

- Verificar como se dá o processo fonológico da nasalização na escrita do aluno.

Objetivos específicos:

- Identificar em quais contextos ocorre o apagamento, inserção ou transformação do fonema nasal.

Metodologia (aulas remotas no Whatsapp e no GoogleMeet)

- Conversa com os alunos sobre o texto lido e debatido em aula;
- Conversa sobre o momento pandêmico atual;
- Após as conversas, solicitou-se aos alunos que escrevessem em um caderno/diário como foram seus dias nesses períodos de pandemia. Destaca-se que a intenção não é fazer o aluno sair de casa para comprar caderno, portanto, o Diário pode ser escrito em caderno ou em páginas avulsas e sequenciadas.
- Em todas as aulas virtuais, no GoogleMeet ou WhatsApp, foram enviados áudios lembrando os aprendizes da atividade.
- A atividade deverá ser entregue na escola para que a professora pudesse ter acesso ao material produzido.

No que tange à Atividade 3¹, “Produzindo Textos Orais”, tem-se o seguinte detalhamento:

Objetivo geral:

- Verificar a interferência do processo da nasalização, característico da fala, na escrita dos alunos.

¹ Esta atividade não foi aplicada pela pesquisadora, mas, foi descrita como proposta aos docentes que desejarem trabalhar com ela.

Objetivo específico:

- Entender os processos de apagamento, inserção e troca do elemento nasal presentes ou não na fala.

Material utilizado:

- Cartões com as imagens do ditado imagético (atividade diagnóstica 1).
- Celular, tablet ou gravador de voz.

Metodologia:

- Dividir a turma em grupos de três ou quatro alunos;
- Entregar um envelope contendo as figuras e um aparelho de gravação de voz (pode ser do próprio estudante ou do docente);
- Explicar que os discentes deverão construir uma história com os elementos contidos nas imagens recebidas;
- Esperar todos os grupos finalizarem e propor que todos fiquem em silêncio para ouvir a história criada por cada grupo;
- Caso o professor prefira, poderá solicitar que o grupo escreva a história narrada.

2.6 Corpus da pesquisa e análise dos dados coletados

O *corpus* do estudo se constitui dos dados coletados nas atividades diagnóstica e inicial, realizadas pela pesquisadora, conforme apontado nos instrumentos de coleta já mencionados. Descrevemo-lo em três tipos de processo fonológico com foco na nasalização: de apagamento, de troca e de inserção da nasalidade.

Quadro 10. Palavras selecionadas para o estudo do processo fonológico da nasalização nos textos escritos dos estudantes.

Mendigo	igreja	onda
cotonete	mortadela	sobrancelha

bombeiro	cozinha	campo
mundo	balanço	

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

As palavras mendigo, onda, sobancelha, bombeiro, campo, mundo, balanço apresentam, segundo Mattoso Câmara (1997), nasalidade fonológica. Já cotonete e cozinha apresentam nasalidade por assimilação, sendo que uma faz parte da norma da língua (cozinha); a outra (cotonete) pode acontecer porque a vogal não é tônica. Nas palavras “igreja”, “mortadela” a nasalização presente na escrita talvez seja uma transposição da variação linguística, fato esse observado nas conversas orais em sala de aula pela professora pesquisadora.

Após a realização de ambas as atividades – diagnóstica e inicial, constatou-se que o processo fonológico da nasalização estava presente nas produções escritas dos aprendizes que participaram da pesquisa, ora cancelando, ora suprimindo, ora alterando letras/fonemas, conforme podemos constatar nos quadros a seguir.

Quadro 11. Amostra de palavras com apagamento do elemento nasal, de acordo com o ditado imagético

Registro convencional	Registro não-convencional
sobancelha	sobracelha
bombeiro	bobeiro
mendigo	medigo

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Quadro 12. Amostra de palavras com troca da consoante nasal, de acordo com o ditado imagético.

Registro convencional	Registro não-convencional
sobancelha	sobramcelha/sombracelha
bombeiro	bonbeiro

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Quadro 13. Amostra de palavras com inserção do elemento nasal, de acordo com o ditado imagético.

Registro convencional	Registro não-convencional
igreja	ingreja
cozinha	cunzinha
cotonete	comtonete
mortadela	mortandela

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

A presença do processo da nasalização, da fala na escrita, dos estudantes que participaram do teste diagnóstico, nos possibilita identificar a existência de erros ortográficos decorrentes, possivelmente, da oralidade seja apagando, inserindo ou trocando o traço distintivo da nasalidade, como se vê no quadro abaixo.

Quadro 14. Presença da nasalização nos textos escritos dos alunos dos 6º “A” e “B”.

	Meninos	Meninas
Trocam o elemento nasal	5	3
Inserem o elemento nasal	4	7
Apagam o elemento nasal	3	1

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Foi possível observar também que mesmo desconhecendo as regras fonológicas, os discentes tendem, por acomodação fonética/fonológica, a seguir alguns critérios. Abaixo expõem-se algumas ocorrências nos textos escritos dos alunos, a saber:

- Palavras que são nasalizadas por assimilação de contextos vizinhos, como em ‘cunzinha’ > ‘cozinha’;
- Palavras que são nasalizadas por interferência da oralidade na escrita, a exemplo de ingreja > igreja, sobrançelha>sombrancelha, muinto> muito, que em algumas variedades linguísticas ocorrem nasalizadas na fala e, por isso, podem aparecer nasalizadas na escrita, a depender do grau de escolaridade do falante.

Na avaliação dos resultados encontrados no teste diagnóstico 2 (O Diário Pessoal), obteve-se as ocorrências listadas abaixo:

- AI- “... briquei co meus primos ...”
- AII- “... niguem pode sair...”
- AII- “...quando agente lebra da escola...”
- AIV- “... tivemos que ficar em quaretena...”
- AV- “... mia mãe...”
- AVI- “... eu e minha sobria...”
- AVII- “...estou morreno de sono...”
- AVIII- “...problemas mecionados...”
- AIX- “...pai ficou inpregado...”
- AX- “... o final de semana passou voamdo...”
- AXI- “...o município está em atedimento...”
- AXII- “...a respeito do mato e ambumdante...”
- AXIII- “...no mês de setenbro...”
- AXIV- “... a saúde está em aconpanhamento....”
- AXV- “...fui a ingreja pedir proteção...”
- AXVI- “... fiquei muinto triste...”

O resultado das análises dessas ocorrências é explicitado a seguir:

Quadro 15. Apagamento do arquivonema nasal

Escrita ortográfica	Escrita dos estudantes
---------------------	------------------------

brinquei	..briquei
ninguém	...niguém
lembra	...lebra...
quarentena	...quaretena
atendimento	...atedimento..
mencionados	...mecionados...

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Na atividade diagnóstica 2, mantém-se a avaliação de que o aluno ainda não domina a regra ortográfica do “m” antes de “b e p”, nem do “n” nas demais consoantes. Sendo assim, observamos que preferiram não grafar o fonema representando o som nasal por não saber que letra usar.

Quadro 16. Troca da letra nasal

Escrita ortográfica	Escrita do estudante.
empregado	inpregado
acompanhamento	aconpanhamento
brincar	brimcar
setembro	setenbro
voando	voamdo

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Na palavra “empregado” o estudante associa o prefixo “in”, revelando um caso claro de variação linguística, mais uma vez nos revelando que a oralidade ainda é muito presente na escrita do aluno.

Quadro 17. Inserção do fonema nasal

Escrita ortográfica	Escrita do estudante
igreja	ingreja
muito	muinto

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Nos casos do quadro 17, “... a produção do [i], vogal alta e fechada, próxima do palato, favorece a nasalização” (BAGNO, 2012, p. 329). Acreditamos que isso ocorre com frequência na fala dos nossos discentes, devido ao emprego do prefixo “in”, tão frequente na fala nordestina, como por exemplo: “ingual, inessistível, indentidade” etc. Com relação a palavra “muito” o ditongo é nasal e desapareceu da escrita pelo processo diacrônico da língua, no entanto, permanece na oralidade.

Quadro 18. Outras ocorrências

brincando	brincano
morrendo	morreno

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Nos casos acima, temos duas ocorrências de verbos no gerúndio que foram nasalizados em decorrência da oralidade para a escrita, ou seja, uma tendência variacional.

A terminação característica do gerúndio é -ndo. Como o /n/ e o /d/ são consoantes que compartilham algumas semelhanças no ponto e articulação e no modo de articulação (as duas são oclusivas alveolares), ocorre aquilo que chamamos, nos estudos fonéticos, de assimilação, isto é, uma modificação que leva um dos fonemas a se tornar semelhante ao outro. Nesse caso o /d/ que é assimilado pelo /n/. Esse é um traço gradual do português brasileiro, porque mesmo os falantes mais escolarizados tendem a pronunciar, na fala menos monitorada, a terminação dos gerúndios como [-ndu], ou com um /d/ muito fraquinho, ou francamente [-nu]. (BAGNO, 2007, p. 214).

Apesar de frequente em nossa língua, o apagamento da letra “d”, no grupo -ndo formadora do gerúndio, não será matéria do nosso estudo, o qual apresentou os dados duas

atividades diagnósticas realizadas na pesquisa. Lamentavelmente, não conseguimos aplicar o teste (Relato oral) que nos comprovaria a interferência da fala na escrita. Nele, os alunos deveriam gravar um diálogo, proposto pela professora pesquisadora, em sala de aula. No entanto, devido à pandemia ele, o jogo Fono(alvo) e o teste final (ditado imagético), não puderam ser aplicados, sendo explicitados nesta pesquisa para fins de propositura pedagógica aos docentes de Língua Portuguesa.

3 PRODUTO EDUCACIONAL: FONO(ALVO)

3.1 Apresentação

O produto educacional desta pesquisa, chamado “Fonoalvo: a nasalidade em jogo”, realiza-se pela definição da CAPES sobre produto,

um instrumento que se configura numa produção desenvolvida pelo orientador e orientando, totalmente vinculado ao trabalho de dissertação, com a finalidade de resolução de um problema específico de sala de aula, sendo aplicável e utilizável e que a partir de sua proposta didática possa ajudar, modificar e transformar maneiras de ensinar e aprender (BATALHA, 2019. p. 8).

A possibilidade de trabalhar conteúdos de língua portuguesa através de jogos desperta reações inimagináveis. Roiphe (2020, p. 18), citando Joan Huizinga (1990), aponta que o jogo é uma atividade livre, conscientemente tomada como não-séria (sic) exterior à vida habitual, mas, ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total.

Nesse sentido, levar o jogo para as aulas de Língua Portuguesa desperta euforia, engajamento e conhecimento para quem produz e para quem joga. Roiphe (2020) afirma também que os jogos podem ser classificados em três tipos primordiais: jogos experimentais, jogos adaptados e jogos tradicionais. Os jogos experimentais buscam demonstrar originalidade, tanto no conteúdo como na forma de jogar; os jogos adaptados são aqueles que permitem mudanças e valorização de um seguimento que já está contemplado dentro de suas regras; e os jogos tradicionais são aqueles cujas regras são extremamente conhecidas sendo, portanto, utilizados como modelos para a elaboração dos mais diversos conteúdos. Nesse caso, poupam-se as explicações sobre as regras do jogo aos seus participantes, mas fixam-se em seus conteúdos. O “Fonoalvo” enquadra-se dentro dos jogos tradicionais, haja vista suas regras serem claras e conhecidas por todos.

O referido jogo “Fonoalvo” foi elaborado a partir dos resultados obtidos na avaliação diagnóstica, realizada em sala de aula, com alunos na faixa etária de 11 a 15 anos, de um colégio da rede pública estadual do município de São Cristóvão-SE. Por serem turmas que compõem os anos finais do Ensino Fundamental, mais especificamente do 6º ano, esperava-se que os aprendizes já tivessem as regras ortográficas internalizadas. Todavia, percebemos que as classes observadas ainda apresentam problemas de interferência do processo da nasalização na escrita levando-nos, assim, a buscarmos ajudá-los na compreensão do código escrito.

3.2 Estrutura Física do jogo

O jogo pode ser confeccionado em um tablado de madeira, papelão, tecido ou placa de isopor, nos quais será fixada ou pintada a logomarca do jogo, marcada com a pontuação: 40, 30, 20, 10. Precisa-se também de uma caixa, decorada a critério do professor, com a logomarca do jogo. Dentro da caixa serão colocadas quatro bolinhas de isopor coloridas com as cores do alvo (preto, azul, vermelho e amarelo) ou as cores que preferir. Além disso, serão necessários quatro círculos, nas cores do alvo, para serem fixados no chão com o intuito de demarcar a distância e a posição do jogador.

Serão confeccionados, ainda, envelopes coloridos a serem usados em cada jogo. Dentro deles devem constar as palavras selecionadas para cada atividade do jogo, as instruções e as fichas de pontuação. Outra opção é desenhá-los no chão da sala (conforme figura 9). Para acertar os alvos recortar garrafas de detergentes, água ou similar e pintá-las com tinta *spray* ou guache. Nesta opção, os círculos que marcam a posição do jogador deverão, também, serem marcados com um giz. Os envelopes com as instruções seguirão o padrão estabelecido em cada atividade.

Descrição dos materiais utilizados na figura 8:

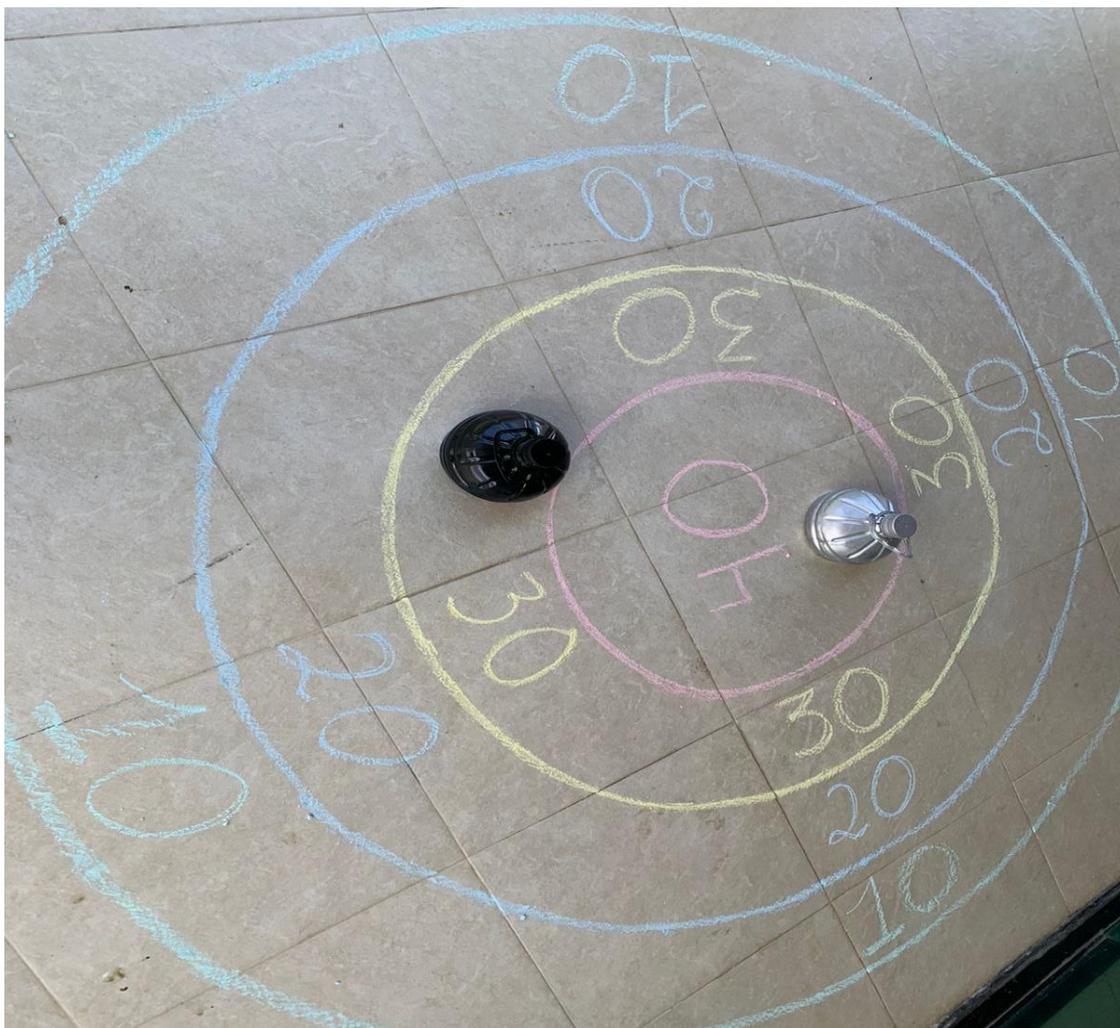
- Um círculo de madeira, papelão, tecido ou isopor (tamanho a critério do professor). Utilizamos 60 cm de diâmetro;
- Dentro do círculo deverá haver quatro raias de 5 a 8 centímetros de espessura nas cores preto, azul, vermelho e amarelo com a pontuação determinada para cada raia. Escolhemos a seguinte pontuação: cor preta: 10 pontos, azul: 20 pontos; vermelha: 30 pontos e amarela: 40 pontos.
- Uma caixa, tamanho médio, com tampa para que o aluno possa sortear a bolinha;
- Quatro bolas médias de isopor nas cores do alvo;
- Quatro círculos de 30 centímetros nas cores do alvo;
- Envelopes coloridos com as palavras escolhidas para cada atividade de jogo para cada equipe. Observação: a quantidade de envelopes corresponderá ao número de equipes e participantes de cada turma.

Figura 8. Sugestão para criação do jogo “Fonoalvo”



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 9. Sugestão de criação do jogo FONALVO



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 10. Sugestão de criação do jogo FONALVO



Fonte: elaborada pela autora (2021).

3.3 Objetivo

O produto pedagógico “Fonoalvo” foi construído como um conjunto de jogos com a finalidade de reduzir os desvios na escrita decorrentes do processo fonológico da nasalização, sobretudo, o apagamento, a troca ou a inserção dos sons nasais na escrita dos alunos, posto que as atividades desenvolvidas para o jogo despertam as relações grafofônicas das palavras estudadas. Contudo, caro professor, antes de iniciar as atividades pertinentes ao jogo, é importante preparar o ambiente. Para tanto, deixaremos aqui uma sugestão:

- Explique para os alunos que trabalharemos com sons orais e nasais;
- Pergunte aos discentes se eles sabem distinguir os sons orais dos nasais;
- Explique para a turma que os sons orais são aqueles que saem livremente pela boca e os sons nasais saem pela boca e pelo nariz;

- Solicite que os aprendizes prendam o nariz com os dedos e pronunciem a palavra “pau” e observem a saída do ar;
- Aguarde os comentários dos alunos;
- Agora solicite que prendam novamente o nariz e pronunciem a palavra “pão”;
- Pergunte a eles em qual das duas palavras houve vibração no nariz;
- Explique que os sons nasais vibram na passagem de ar pelo nariz.
- Finalize a ambientação solicitando que eles prestem atenção nessa observação nas atividades do jogo.

4 ATIVIDADE 1: DESVENDANDO SONS



4.1 Objetivo do jogo

- Desenvolver a capacidade de identificar semelhanças e diferenças entre sons, com base na observação do modo de articulação (nasal ou oral).

4.2 Materiais e tempo necessários nesta etapa do jogo

- Envelope com as palavras que serão ditadas pelo professor;
- Envelope com a ficha para marcação da pontuação;
- Estrutura física do Fonoalvo;
- 4 bolinhas coloridas nas cores do Fonoalvo;
- 4 círculos, para servir de pódio, nas cores do Fonoalvo;
- Plaquinhas confeccionadas em madeira, papelão ou isopor com as inscrições: “som oral” e “som nasal”.

4.3 Procedimentos

O professor dá o comando para o início do jogo dizendo que o objetivo é descobrir como são produzidos os sons. Nessa atividade, os discentes devem identificar, nas palavras propostas, aquelas que produzem sons que saem pelo nariz e pela boca (nasais) e em quais ocorrem apenas sons orais (sons que saem apenas pela boca).

- Divida a turma em duas equipes,

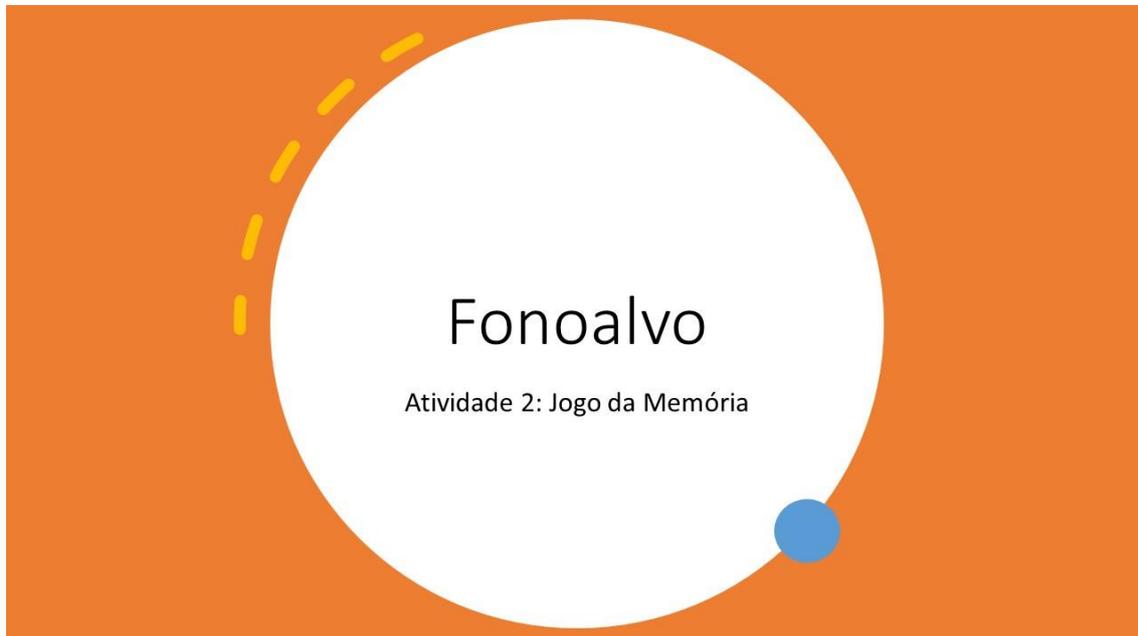
- Determine a distância para colocar a estrutura física do Fonoalvo, como também a dos círculos nos quais os alunos devem ficar para arremesso da bolinha sorteada para o alvo;
- Cada equipe escolhe um colega para sortear a bolinha;
- Bolinha sorteada, o aluno se posiciona no pódio da mesma cor da bolinha e tenta acertar o alvo, identificando a pontuação para sua equipe;
- Se o discente acertar o alvo na mesma cor da bolinha sorteada, dobra-se a pontuação. Do contrário, recebe apenas a pontuação do alvo;
- Em seguida, o professor entrega as plaquinhas com os dizeres “sons orais” e sons nasais” para todos os membros do grupo;
- Os membros escolhem, no par ou ímpar, quem inicia o jogo. O grupo deverá ouvir atentamente as palavras: tinta-Tita, lenda-Leda, cinta-cita, planta-placa, manta-mata, lâmpada-lapada, lindo-lido, que serão ditadas pelo professor, e levantar a plaquinha de acordo com a produção do som: oral ou nasal.
- O docente fará a verificação das respostas elencadas por grupo, marcando na ficha do grupo os acertos para cada palavra ditada;
- Vence a prova a equipe que fizer maior pontuação.

Figura 11. Imagens das palavras referentes à atividade



Fonte: elaborada pela autora (2021).

5 ATIVIDADE 2: JOGO DA MEMÓRIA



Um dos jogos mais conhecidos e trabalhados em sala de aula é o jogo da Memória. Ele integra o grupo dos jogos de cartas, pois, é constituído por um número de peças com imagens ou palavras de lado e uma figura generalizada ou numeração do outro, que é o seu verso. Cada figura ou palavra aparece exatamente duas vezes. No Fonoalvo, a proposta é um pouco diferenciada, visto que serão construídas três cartas para cada palavra – duas escritas corretamente e uma apresentando algum desvio ortográfico de apagamento, troca ou inserção do elemento nasal, na qual haverá o símbolo de proibido.

5.1 Objetivo do jogo

- Identificar as palavras com grafias iguais;
- Perceber que o apagamento, a inserção ou a troca da consoante nasal pode denominar erro de escrita.

5.2 Materiais e tempo necessários nesta etapa do jogo

- Material Físico;
- Cartas com as palavras seleccionadas para o jogo;

- Estrutura física do Fonoalvo.

5.3 Procedimentos

- Divide-se a turma em duas equipes;
- O professor escolhe a distância para colocar a estrutura física do Fonoalvo, como também dos círculos, aos quais devem ficar os alunos para arremesso da bolinha sorteada ao alvo;
- O professor solicita que a equipe escolha um membro para o sorteio da bolinha colorida que será arremessada ao Fonoalvo;
- Pontuação definida, o professor entrega as cartas e solicita que os alunos as espalhem na carteira, mesa ou no chão da sala de aula e explica a dinâmica do jogo;
- Em seguida, os alunos embaralham as cartas colocando-as com as palavras viradas para baixo;
- Um membro do grupo inicia a atividade revirando duas cartas e as lê em voz alta. Se as cartas viradas forem iguais na escrita, ficam expostas e inicia mais uma rodada; se as cartas forem diferentes o jogador ou a equipe passa a vez para o adversário;
- Caso o jogador revire duas cartas com palavras parecidas na pronúncia, mas grafias diferentes, as cartas voltam ao jogo. Obs.: a palavra com grafia diferente deverá conter o símbolo de proibido. 
- Vence a partida o grupo que conseguir encontrar mais pares iguais no jogo, no tempo estipulado para a tarefa.

Figura 12. Imagem das cartas do jogo: palavras com apagamento do elemento nasal.



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 13. Imagem das cartas do jogo: palavras com apagamento do elemento nasal.



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 14. Imagem das cartas do jogo: palavras com apagamento do elemento nasal.



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 15. Imagem das cartas do jogo: palavras com troca do elemento nasal.



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 16. Imagem das cartas do jogo: palavras com troca do elemento nasal.



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 17. Imagem das cartas do jogo: palavras com troca do elemento nasal.



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 18. Imagem das cartas do jogo: palavras que apresentam inserção do elemento nasal.



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 19. Imagem das cartas do jogo: palavras que apresentam inserção do elemento nasal.



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 20. Imagem das cartas do jogo: palavras que apresentam inserção do elemento nasal.



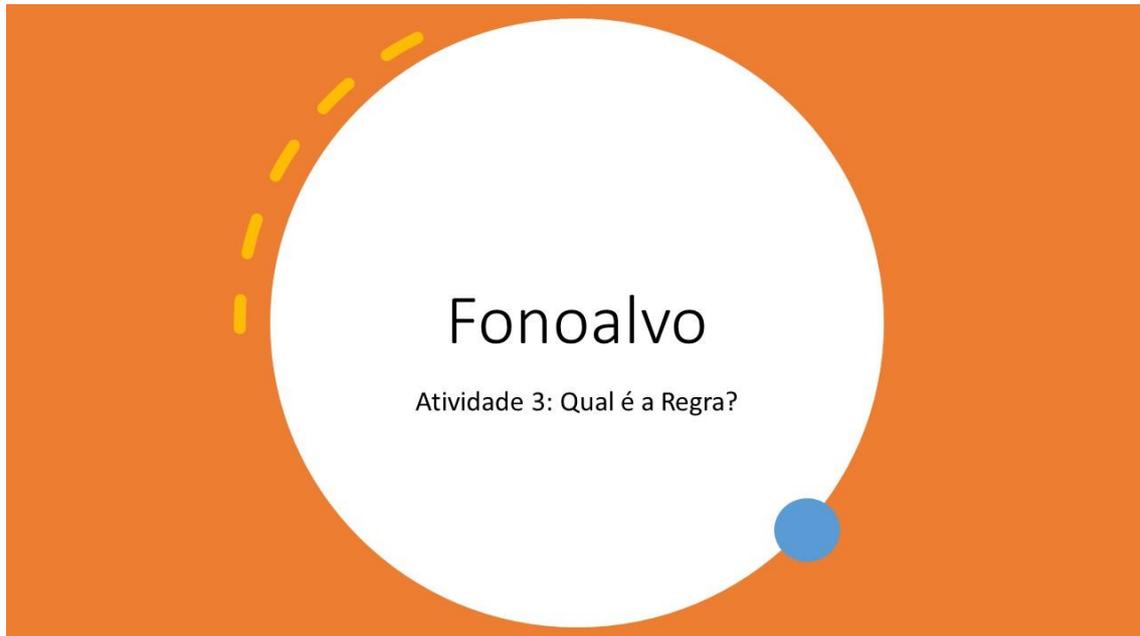
Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 21. Imagem das cartas do jogo: palavras que apresentam inserção do elemento nasal.



Fonte: elaborada pela autora (2021).

6 ATIVIDADE 3: QUAL É A REGRA?



Nesta atividade, os alunos deverão encontrar, no grupo de palavras, qual é a intrusa, ou seja, aquela que não apresenta sons nasais. Como notamos na atividade diagnóstica que os discentes não dominavam a regra ortográfica do uso do “m” e do “n”, a identificação da palavra intrusa tem como pretensão ajudar o aluno a formar a seguinte regra: antes de “p” e “b”, escreve-se “m”, e coloca-se “n” diante das demais consoantes. A palavra intrusa será aquela que não se enquadra nesse contexto.

6.1 Objetivo do jogo

- Encontrar a palavra intrusa para, assim, formular a regra ortográfica do “m” antes de b e p e o “n” nas demais consoantes.

6.2 Materiais e tempo necessários nesta etapa do jogo

- Envelopes coloridos;
- Caixa para o sorteio da bolinha para arremesso ao alvo;
- Bolinhas coloridas nas cores do alvo;
- Círculos nas cores do alvo;
- Fichas com as palavras para a prova;

- Estrutura física do Fonoalvo;

6.3 Procedimentos

- Esse jogo será desenvolvido em dois momentos. No primeiro, o professor inicia a atividade dividindo a turma em equipes;
- A equipe escolhe o colega para sortear a bolinha que será arremessada no alvo. Em seguida, o discente posiciona-se no círculo, determinado pela cor da bolinha, e tentará acertar um dos alvos e obter a pontuação para a prova. Caso acerte o alvo da cor exata da bolinha, a pontuação dobrará de valor;
- Pontuação adquirida, o docente entregará a ficha 1 com o conjunto das palavras a cada equipe e explicará que em cada grupo de palavras há uma que difere das demais mediante os sons orais e nasais. Lembre aos alunos que eles devem observar a escrita das palavras com “m/n”.
- O professor espera alguns minutos para a realização da tarefa. Em seguida, entrega a ficha 2 para que os aprendizes separem as palavras que são escritas com e “m” no espaço destinado na ficha, bem como as que são escritas com “n” no outro espaço da ficha;
- Novamente é determinado um tempo para realização da segunda tarefa. Terminado esse momento, o docente confere as respostas junto com a turma e solicita que eles expliquem quando usar “m” ou “n” de acordo com as palavras do jogo.
- Vence o jogo a equipe que conseguir terminar primeiro a tarefa.
- Tempo estimado para a prova: uma aula de 50 minutos.

Figura 22. Imagem da ficha 1

Atividade: Qual é a regra?
"Encontre o intruso"

Lâmpada Computador Impressora Teclado	
Comprar Aplicar Temperar Amparar	

Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 23. Imagem da ficha 2

Atividade: Qual é a regra?
"Encontre o intruso"

Limpar Empurrar Empinar Sapatear	
Sobrancelha Mandíbula Antebraço Pálpebras	

Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 24. Imagem da ficha 3

Atividade: Qual é a regra?
“Encontre o intruso”

<div style="background-color: #3498db; border-radius: 15px; padding: 10px; width: 80%; margin: 0 auto;"> <p>Onça Anta Égua Lontra</p> </div>	<div style="background-color: #3498db; border-radius: 15px; width: 80%; margin: 0 auto; height: 60px;"></div>
<div style="background-color: #3498db; border-radius: 15px; padding: 10px; width: 80%; margin: 0 auto;"> <p>Noventa Duzentos Onze Quatorze</p> </div>	<div style="background-color: #3498db; border-radius: 15px; width: 80%; margin: 0 auto; height: 60px;"></div>

Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 25. Imagem da ficha 4

Atividade: Qual é a regra?
“Encontre o intruso”

<div style="background-color: #3498db; border-radius: 15px; padding: 10px; width: 80%; margin: 0 auto;"> <p>Combinar Lembrar Abraçar Sambar</p> </div>	<div style="background-color: #3498db; border-radius: 15px; width: 80%; margin: 0 auto; height: 60px;"></div>
<div style="background-color: #3498db; border-radius: 15px; padding: 10px; width: 80%; margin: 0 auto;"> <p>Laranja Melancia Manga Jaca</p> </div>	<div style="background-color: #3498db; border-radius: 15px; width: 80%; margin: 0 auto; height: 60px;"></div>

Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 26. Imagem da ficha 5

Atividade: Qual é a regra?

Palavras com M	Palavras com N
----------------	----------------

Qual é a regra? _____

Fonte: elaborada pela autora (2021).

7 TESTE FINAL – DITADO IMAGÉTICO



Esta atividade tem por finalidade perceber se os alunos conseguiram entender o processo de escrita de palavras com sons nasalizados as quais apresentaram “erros” ortográficos no teste diagnóstico.

Os desvios de escrita, provocados pelo fenômeno da nasalização em palavras, ora apagando, ora inserindo, ou trocando os segmentos, quando transposto para escrita tornam-se erros de escrita, visto que as convenções ortográficas têm suas próprias normas – estabelecidas pela norma padrão da língua. Cabe ressaltar que ajudar o aluno a perceber a relação existente entre fala/escrita na construção do texto torna-se mais próximo da funcionalidade da língua.

7.1 Objetivo do jogo

Perceber se os alunos conseguem escrever as palavras, passíveis do processo de nasalização, ortograficamente corretas.

7.2 Materiais e tempo necessários nesta etapa do jogo

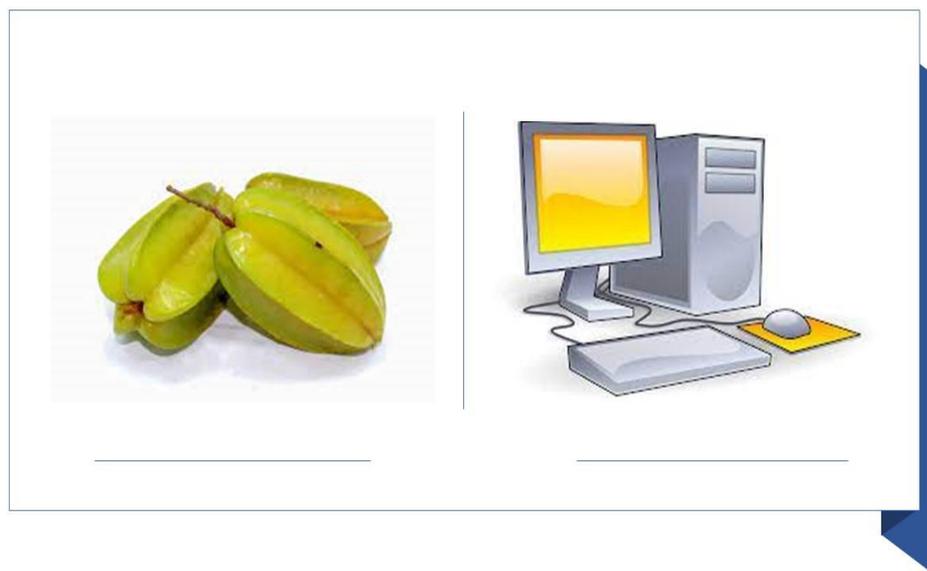
- Estrutura física do Fonoalvo;
- Caixa decorada para o sorteio;

- Envelopes com as fichas do jogo para cada membro do grupo.

7.3 Procedimentos

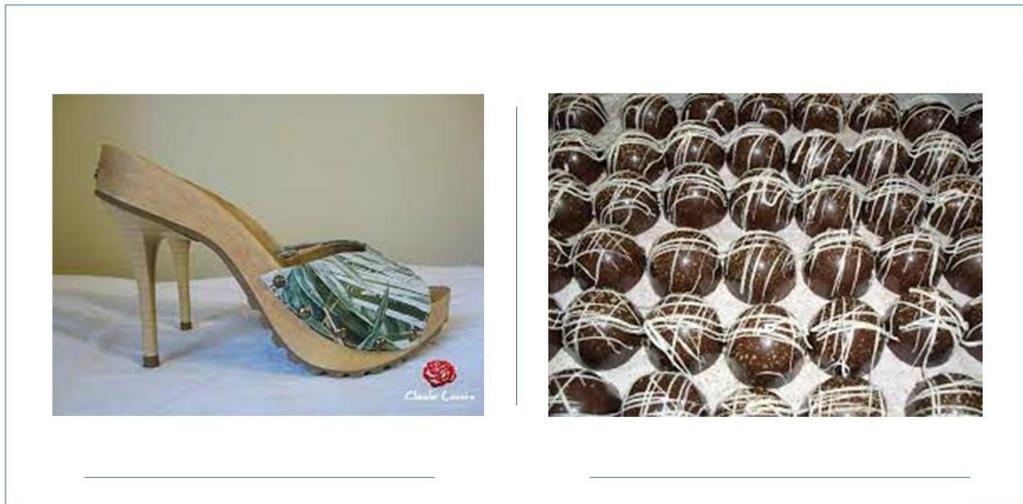
- Separam-se os grupos (de acordo com a preferência do professor) e escolhe-se o aluno para o arremesso ao alvo;
- Pontuação definida, parte-se para o preenchimento da atividade;
- O docente entrega a cada membro do grupo o envelope contendo as imagens do ditado;
- O professor fica com um envelope para ir sorteando a ordem em que as imagens serão preenchidas;
- Depois de entregues as fichas, o docente explica que as palavras devem ser escritas na ordem em que serão sorteadas;
- Terminada a tarefa, passa-se para a verificação dos acertos. Vencerá o grupo que acertou a escrita de todas as palavras. Caso haja empate, o grupo escolhe um aluno para tentar acertar o alvo. Vence o que obtiver maior pontuação.

Figura 27. Imagens das palavras selecionadas para a atividade



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 28. Imagens das palavras selecionadas para a atividade



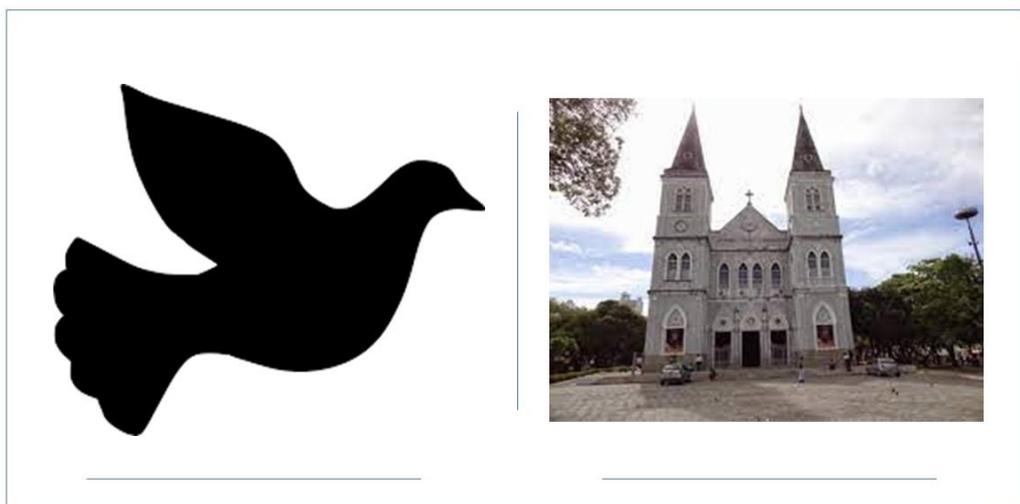
Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 29. Imagens das palavras selecionadas para a atividade



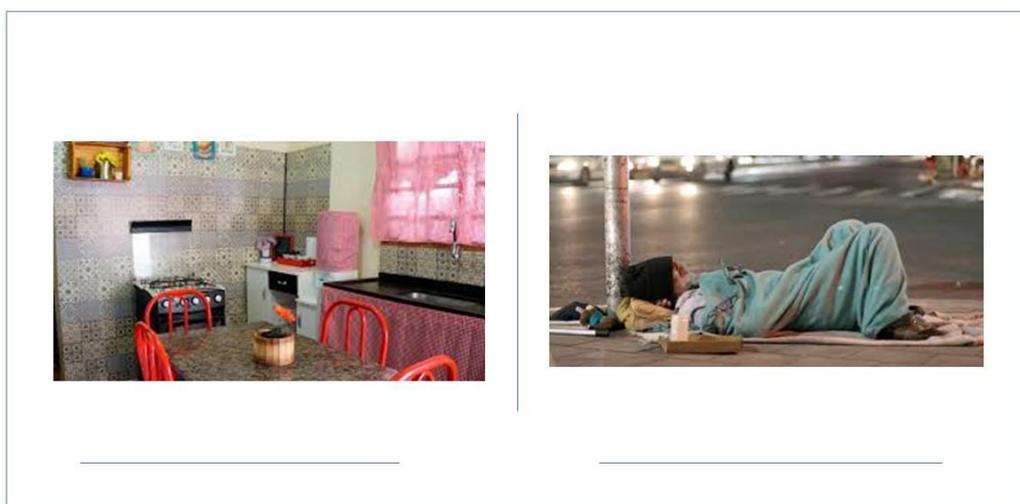
Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 30. Imagens das palavras selecionadas para a atividade



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 31. Imagens das palavras selecionadas para a atividade



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Figura 32. Imagens das palavras selecionadas para a atividade



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Finalizadas todas as etapas, que perfazem um total de 4 aulas, no mínimo, o professor analisa com os alunos a contagem dos pontos das atividades propostas e revela o grupo vencedor do Fonoalvo. A equipe vencedora poderá receber uma premiação, a critério do docente. A título de exemplo sugerimos: pacote de balas, bombons, passeios ou mesmo pontos nas avaliações do colégio.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir esta pesquisa se constituiu parte fundamental para o curso de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), pois, possibilitou conciliar teoria e prática na certeza de que, minimizar as ocorrências do processo fonológico da nasalização na escrita dos alunos dos 6º anos do Ensino Fundamental, torna-se tarefa elementar para o docente de Língua Portuguesa.

Para realizar este trabalho de forma consistente foi necessário adotar um caminho completo para explorar, investigar e analisar dados, desde o início da aplicação das atividades diagnósticas, com o objetivo de verificar o aparecimento do apagamento, da inserção ou da troca do elemento nasal constituindo-se, assim, o processo fonológico da nasalização presente nos textos escritos dos alunos em questão.

Os dados adquiridos na atividade diagnóstica evidenciaram alguns erros ortográficos por interferência do processo fonológico da nasalização, fenômeno que se tornou objeto de estudo da pesquisadora. A partir desses erros buscamos entender os contextos intra e extralinguísticos que contribuíram para as ocorrências na escrita dos estudantes acompanhados pela pesquisa. Após esse gesto metodológico, elaboramos um produto educacional (PE), intitulado “Fono(alvo)”, para tentar dirimir tais ocorrências.

Em virtude da pandemia do novo Coronavírus, não foi possível fazer a aplicação das atividades elaboradas no PE, o que dificultou bastante a concretização das etapas da pesquisa e o alcance dos objetivos previstos, uma vez que tivemos que planejar em caráter de sugestão, já que os discentes não poderiam realizá-las presencialmente.

O Fono(alvo) é um produto educacional constituído por 4 atividades, sendo a última o teste final, em forma de jogos, que priorizam a redução de ocorrências de erros ortográficos provocados pelo fenômeno da nasalização. O referido produto será disponibilizado ao Profletras por meio de um caderno pedagógico contendo todas as instruções para a aplicação dos jogos.

Consideramos utilizar o jogo Fono(alvo) como ferramenta pedagógica por acreditar que os jogos despertam nos alunos, além de prazer, a curiosidade e a reflexão. O ensino da língua materna não pode e nem deve ser algo exaustivo e enfadonho, por isso, aprender jogando é uma oportunidade de transformar a educação escolar.

Espera-se que este trabalho possa servir de estímulo para que outros educadores de Língua Portuguesa despertem o interesse em aprofundar seus estudos sobre os processos

fonológicos e suas interferências na escrita dos alunos. Além disso, esses professores podem utilizar esse produto educacional com as devidas adequações à realidade de cada turma. Esperamos, ainda, propiciar aos alunos uma reflexão quanto às especificidades que ocorrem entre a fala e a escrita, bem como sobre a necessidade de minimizar os erros que se tornam hábitos na fala e comprometem a escrita.

REFERÊNCIAS

- BARBALHO NETA, Jandira Cravo. **A nasalidade em jogo: estratégias para depreender diferenças entre a escrita e a oralidade através do jogo Batalha Nasal**. 2018. 127f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/10328>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- BATALHA, E. R. de C. **Recomendações técnicas para construção de produtos educacionais**. Dissertação de Mestrado. Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Campus Pelotas Visconde da Graça, 2019.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo, Parábola editorial, 2012.
- BISOL, Leda (Org.). **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed. rev. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2014.
- _____. **A nasalidade, um velho tema**. *Delta* [online], v. 14, p. 1-17, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300004&Ing=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 jul. 2020.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica**. Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas, Mercado de Letras, 2002.
- _____. **Fonologia do português: análise pela geometria de traços**. Campinas, Edição do autor, 1997.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 11. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2009.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- _____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 21. ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1992.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, Parábola, 2008.
- Gonçalves, Rodrigo Tadeu e Renato Miguel Basso. **História da Língua**. Florianópolis, LLV/CCE/ UFSC, 2010.
- HORA, Dermeval da. **Fonética e Fonologia**. UFPB, 2009. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica_e_fonologia_1360068796.pdf. Acesso em: 14 abr. 2020.
- LEITE, Yonne. **Portuguese stress and related rules**. 1974. 304 f. Tese (Doutorado, PhD). Austin, University of Texas.
- LUFT, Celso Pedro. **Grande manual de ortografia**. São Paulo, Globo, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. e DIONISIO, A. P. **Fala e escrita**. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.
- MORAES, João A.; WETZELS, W. Leo. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português: um exercício de fonologia experimental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 23, p. 156, jul./dez. 1992.
- ROBERTO, T. M. G. **Fonologia, Fonética e ensino: Guia Introductório**. 9ª edição, São Paulo, Parábola Editorial, 2016.

ROIPHE, Alberto. O jogo na aula de literatura. In: _____ (Org.). **Literatura em jogo: proposições lúdicas para aulas de português**. 2. ed. rev. e ampl. Aracaju, SE, Criação Editora, 2020. p. 11-24.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período**. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Thais C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7. ed. São Paulo, Contexto, 2003.

STAMPE, David. **A dissertation on natural Phonology**. Tese de doutorando, Universidade de Chicago, EUA, 1973.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo, Cortez, 2011.

ANEXO – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.

Eu, _____, aluno(a) do 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Professora Glorita Portugal, localizado no município de São Cristóvão/SE, autorizo a professora Wirna Maria Matos Santos Costa a utilizar minha imagem e minhas produções referentes às atividades relacionadas ao projeto “Fono(alvo)”: trabalhando a interferência da nasalização na escrita de alunos do Ensino Fundamental, desenvolvido por ela em uma pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras (Profletras), junto à Universidade Federal de Sergipe. Estou ciente de que as produções serão despersonalizadas e de que minha identidade será mantida em sigilo.

Itabaiana, 10 de março de 2020.

Assinatura por extenso

Como tenho menos de 18 anos, meu responsável legal também assina o documento.

Eu, _____, residente na cidade de São Cristóvão, no Estado de Sergipe, assino a cessão de direitos da produção do aluno acima identificado, desde que seja preservado o sigilo, como manda o Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, Resolução 196/96, versão 2012.

Itabaiana, 10 de março de 2020.

Assinatura por extenso